



Editoração

João Carlos R. Plácido da Silva

Identidade Visual

Vinícios Morilho Hortolan

Diagramação e Arte Final

Caio Tavares de Freitas

Yasmin Maia Ribeiro

João Carlos R. Plácido da Silva

Revisão

Michele Regina Gonzaga

Artur Gonçalves Garcia

Capa

Yasmin Maia Ribeiro

Colaboradores (Neste Número)

Prefácio: Marizilda dos Santos Menezes

Introdução: Gabriel Bonfim

Autores: Alice Freitas, Alyne Borges, Amanda Santana, Ana Beatriz Simplicio, Artur Garcia, Breno Sales, Caio Tavares, Camila Fernandes, Giovana Calçado, Hércules Henrique, João Lucas, Lara Fonseca, Larissa Aranha, Luisa Prados, Marcus Batista, Michele Gonzaga, Naomy Pereira, Pedro Henrique Borges, Silvio Mendes Júnior, Sophia Paceli, Thimóteo Prates, Yasmin Maia



SOBRE A REVISTA

A revista Trilhas do Design é uma publicação eletrônica dedicada a divulgar os espaços e exposições vivenciados por estudantes de Design em viagens técnicas organizadas pelo curso.

Seu objetivo é oferecer à sociedade uma visão diferenciada dos ambientes visitados, permitindo que os leitores – futuros visitantes desses locais – tenham acesso a perspectivas que vão além das comumente apresentadas.



Para isso, a revista busca compreender as necessidades do público por meio de diálogos com os funcionários dos espaços, promovendo uma troca de saberes. A intenção é aprender a apresentar esses locais e exposições de forma agradável e acessível através do design editorial.

Dessa forma, o acesso ao conteúdo da revista torna-se mais humanizado, fomentando o desenvolvimento de uma plataforma de troca de experiências entre a comunidade externa e a publicação. Esse diálogo, por sua vez, pode orientar o planejamento das próximas edições e suas abordagens temáticas.

Prof. Dr. João Carlos R. Placido da Silva
Professor Adjunto do Curso de Design da
Universidade Federal de Uberlândia



PREFÁCIO

A revista Trilhas do Design já em sua primeira edição nos traz uma rica amostra das experiências vivenciadas em visita técnica, pelos estudantes do curso de Design da Universidade Federal de Uberlândia, na cidade de São Paulo.

Numa iniciativa inédita, os próprios alunos revelam a percepção dos espaços visitados e o conhecimento adquirido durante essas expedições, o que nos mostra um olhar curioso e diferenciado do que é usual observar.

Com design gráfico apurado e belas imagens, a revista nos permite um passeio pela cidade de São Paulo, (re) visitando pontos turísticos e mostrando aspectos muitas vezes desconhecidos tanto dos turistas como daqueles que ali vivem.

Já nos diferentes capítulos os estudantes nos contam sobre exposições visitadas na Japan House, que versam sobre sustentabilidade e a respeito que os japoneses tem sobre o uso de recursos naturais e a rejeição ao desperdício com propostas de objetos criados a partir de resíduos. Une-se a esse conceito, a exposição no prédio da Bienal de Paola Lenti, que demonstra em seu trabalho conceito sobre o que é ser sustentável com o reaproveitamento de resíduos têxteis.

Encontramos ainda nestes textos, reflexões sobre a arquitetura dos lugares visitados e sobre o papel do designer e a sua responsabilidade social, abarcando aí questões de inclusão. São discutidos, por meio do design, da arte e da arquitetura, problemas da sociedade brasileira atual, como o racismo e a homofobia, retratados tanto na omissão de suporte como na invisibilidade desses corpos.

O olhar atento desses estudantes, nos levam a querer visitar ou (revisitar) lugares como o MASP, Museu do Ipiranga, Pinacoteca, observar os grafites encantadores que decoram as paredes e muros dessa cidade.

ESPERO QUE APRECIEM ESSA
PUBLICAÇÃO QUE MUITO ME
ORGULHA PREFACIAR, E QUE
MUITAS OUTRAS EDIÇÕES
VENHAM NA SEQUÊNCIA
QUE NOS PERMITAM VIAJAR
POR MEIO DESSA LINDAS
PÁGINAS.

BOA LEITURA

Profa. Dra. Marizilda Menezes
Docente do Programa de Pós-graduação em Design – UNESP

INTRODUÇÃO

SÃO PAULO REVISITADA

IMPRESSÕES E CONTRIBUIÇÕES
DOS NOVOS DESIGNERS.



A revista Trilhas do Design chega em seu terceiro volume! Esta edição é fruto de mais uma viagem técnico-pedagógica dos estudantes e professores do curso de Design da UFU à metrópole de São Paulo. A cidade, um verdadeiro laboratório de design, cultura e criatividade, mais uma vez serviu como palco para a expansão do conhecimento e o desenvolvimento de uma visão crítica por parte dos alunos.

O objetivo da revista é fornecer ao leitor uma visão singular e humanizada dos grandes espaços de design, destrinchando a metrópole sob a ótica de quem está em formação, mas já possui um olhar incisivo e crítico.

Neste volume, o resultado é um panorama rico que convida à reflexão profunda. São explorados temas que vão desde a estética minimalista e o impacto da Japan House, às narrativas históricas e artísticas do Museu do Ipiranga e do MASP. Da mesma forma, analisa-se o papel social do Centro Cultural de São Paulo e a relação crítica entre cultura, paisagem e mobilidade que define o cotidiano paulistano, além de capturar o pulso das tendências e do mercado criativo na SP-Arte, um verdadeiro catalisador da confluência entre arte e design.

Cada tema é abordado com o objetivo de ir além da apreciação visual, alcançando as nuances culturais, tecnológicas e de sustentabilidade que atravessam o Design. Assim, esta revista humaniza as visitas técnico-pedagógicas e consolida uma plataforma de troca de experiências entre a comunidade acadêmica e externa.

Convidamos você a se inspirar, dialogar e contribuir com a visão de nossos futuros designers.

**BOA VIAGEM PELAS
TRILHAS DO DESIGN**

Prof. Dr. Gabriel Henrique Cruz Bonfim
Professor do curso de Design da UFU

SUMÁRIO

SUMÁRIO

12	JAPAN HOUSE
30	MASP
40	DEBATE CULTURAL
56	DINÂMICA URBANA

MOTTAINAI:

SUSTENTABILIDADE TÊXTIL COMO LINGUAGEM CRIATIVA EM SÃO PAULO

Por: Larissa Aranha e Luisa Prados

CAPÍTULO

_1

JAPAN HOUSE

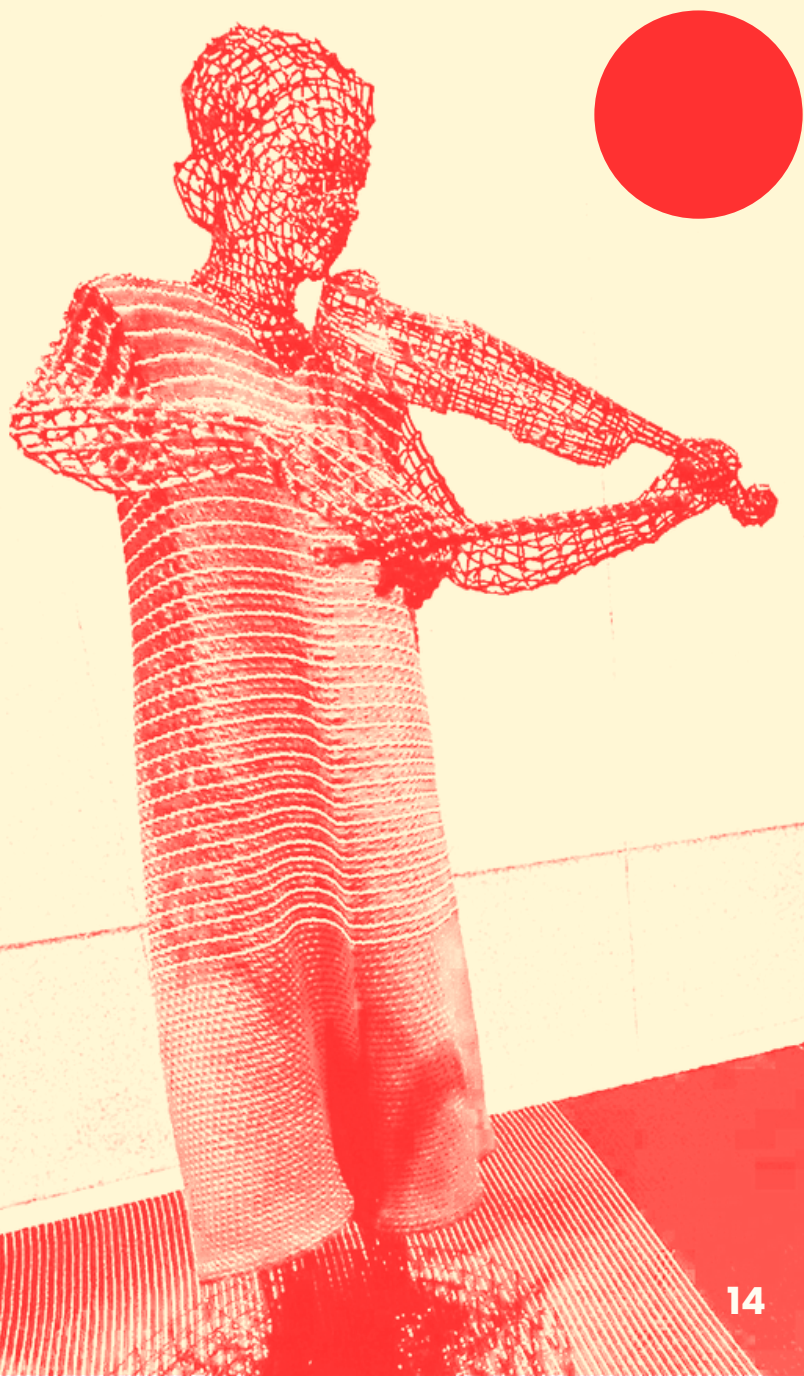


A Japan House São Paulo é um centro cultural japonês criado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão, localizado na Avenida Paulista. O espaço objetiva expressar a cultura japonesa do século XXI, porém preservando suas raízes e tradições. Isso ocorre por meio de exposições, entrevistas, workshops e apresentações periódicas, além de contar com loja, cafeteria e restaurante. Projetada pelo renomado arquiteto japonês Kengo Kuma, por meio de técnicas sustentáveis, o centro oferece diversas exposições artísticas que valorizam questões ambientais, servindo de inspiração ao compartilhar o conhecimento e criatividade do design japonês (GOOGLE ARTS & CULTURE, 2025). A Japan House São Paulo é um centro cultural japonês criado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão, localizado na Avenida Paulista. O espaço objetiva expressar a cultura japonesa do século XXI, porém preservando suas raízes e tradições. Isso ocorre por meio de exposições, entrevistas, workshops e apresentações periódicas, além de contar com loja, cafeteria e restaurante. Projetada pelo renomado arquiteto japonês Kengo Kuma, por meio de técnicas sustentáveis, o centro oferece diversas exposições artísticas que valorizam questões ambientais, servindo de inspiração ao compartilhar o conhecimento e criatividade do design japonês (GOOGLE ARTS & CULTURE, 2025).

Já o Pavilhão Ciccillo Matarazzo - mais conhecido como Pavilhão da Bienal por sediar a exposição da Bienal de São Paulo - faz parte do Parque Ibirapuera e é considerado um dos marcos culturais e artísticos da cidade. Projetado por Oscar Niemeyer, o edifício é um paralelepípedo estruturado em concreto e revestido com vidro e brises de alumínio, elementos que representam características da arquitetura modernista brasileira. Além disso, sua importância é reconhecida pelo tombamento junto ao Patrimônio Histórico nas esferas municipal (COMPRES), estadual (CONDEPHAAT) e federal (IPHAN) (BIENAL, 2025).

A exposição Mottainai, da Japan House, apresenta um importante conceito japonês. Essa palavra é composta pelos vocábulos mottai, que se refere à essência das coisas, e pela partícula nai, que indica negação na língua japonesa. O termo é utilizado para “transmitir a ideia de que o desperdício e/ou o mau uso de objetos e recursos, como alimentos e água, não é bem-visto” (JAPAN HOUSE, 2020).

Em sua curadoria, a exposição conta com uma seleção de itens inovadores que trazem um novo significado para “restos” e subprodutos, com destaque para o vestido feito por Issey Miyake, usando um material desenvolvido em conjunto com o Sony Group, que utilizava a casca do arroz como matéria-prima, juntamente com o fio. Usando esse novo material, foi criado um tingimento preto em que ele é integrado à fibra têxtil, que desbota menos com o tempo, em comparação aos corantes convencionais, aliando assim a durabilidade da peça, que também é vista em sua modelagem, sendo considerada atemporal.



Na SP-Arte, Paola Lenti apresenta uma coleção de mesmo nome (Mottainai) e princípios, sendo responsável por trazer sustentabilidade em uma coleção de móveis para interiores e exteriores com cores vibrantes. Utilizando fibras provenientes da própria produção de Paola Lenti, ela traz em sua exposição a poltrona Hana-arashi, o banco Bruco e as cadeiras Ami, que ficaram dispostos para a interação do público.



As exposições “Mottainai” são enriquecedoras para o repertório de um designer, na medida em que apresentam diversos métodos, materiais e abordagens que estão sendo explorados e aprimorados no mercado. Na Japan House, cédulas de dinheiro descartadas, arroz e fibras de bananeira são alguns exemplos inesperados de materiais que a princípio seriam descartados, mas que são redirecionados para novas funções, reinventando-se. De acordo com KARELL (2018), as marcas se mostram interessadas em uma produção mais sustentável, mas ainda têm pouco conhecimento sobre materiais alternativos e sobre como desenvolver produtos que considerem durabilidade, adaptação e reutilização de seus componentes. Por esse motivo, o entendimento de diferentes perspectivas no desenvolvimento de novos produtos é essencial para que possamos questionar os métodos projetuais vigentes e nos inspirar em propostas que valorizam aspectos ambientais e sociais.

Da mesma forma, a SP Art, mais especificamente o expositor da designer Paola Lenti, com a empresa italiana Casual Móveis, surpreende com a implementação de resíduos têxteis em móveis contemporâneos. O ambiente acadêmico permite que os alunos estudem conceitos e práticas sustentáveis, e eventualmente desenvolvam projetos com base nesses aprendizados. No entanto, na maioria das vezes, esses projetos não saem do papel (ou das telas), o que favorece a idealização, mas dificulta o aprendizado prático da prototipagem, que é fundamental para compreender as propriedades materiais e técnicas envolvidas. Por isso, ver projetos que seguem os princípios de design que estudamos – projetos visualmente atrativos e, acima de tudo, palpáveis – é uma forma de incentivo e otimismo.

CURIOSIDADES

A visita guiada proporciona um melhor entendimento sobre a exposição, pois o guia fica responsável por explicar durante o percurso as obras que fazem parte da curadoria. Essa abordagem personalizada torna a visita mais rica e informativa.

Além disso, é interessante notar que a SP-Art oferece várias possibilidades de percurso pela exposição, permitindo que cada usuário crie uma experiência única. No entanto, não é recomendável iniciar observando detalhadamente o primeiro pavimento até o terceiro, por ordem. Dessa forma, é mais fácil perder a noção do tempo e não explorar um pouco de cada parte da exposição.

Embora a Mottainai da Japan House seja uma exposição temporária, uma obra interessante pode passar despercebida por estar situada no ambiente exterior do centro cultural: uma casa feita majoritariamente de tubos de papelão e madeira, que é considerada de fácil produção. Esse modelo de construção é uma alternativa de lar temporário em casos emergenciais, como por exemplo, desastres naturais.

Outro ponto obrigatório é o terceiro pavimento da SP-Arte. Embora conte com menos expositores, é nesse andar que se concentram as mostras mais interativas, com brindes, palestras e dinâmicas. Essas atividades ocorrem nos demais andares, mas ganham mais destaque no último.

CONTRIBUIÇÃO SOCIAL

Na cidade de São Paulo, a influência da cultura japonesa se manifesta frequentemente em áreas como a culinária, a arquitetura, as artes visuais e a moda. Contudo, a sustentabilidade também se destaca como um valor que tem ganhado cada vez mais espaço e reconhecimento entre os japoneses. Por esse motivo, é necessário nos inspirarmos também no princípio do Mottainai, alinhado às diretrizes da Economia Circular, que prioriza a não geração de resíduos e poluição. Essa perspectiva reforça a urgência por políticas ambientais mais eficazes, que possam incentivar o desenvolvimento de produtos e serviços baseados em materiais e práticas sustentáveis – uma demanda que exige cada vez mais criatividade e inovação no campo do Design.

REFERÊNCIAS

ARCH DAILY. Clássicos da Arquitetura: Pavilhão Ciccillo Matarazzo / Oscar Niemeyer. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-14551/classicos-da-arquitetura-pavilhao-ciccillo-matarazzo-oscar-niemeyer>. Acesso em: 30 junho 2025.

BIENAL. Disponível em: <https://bienal.org.br/fundacao/#tab-2>. Fundação. Acesso em: 30 junho 2025.

GOOGLE ARTS & CULTURE. Pavilhão da Bienal de São Paulo. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/pavilh%C3%A3o-da-bienal-de-s%C3%A3o-paulo-bienal-de-sao-paulo/pwWRjnkWXUoLLw?hl=pt-BR>. Acesso em: 16 junho 2025.

GOOGLE ARTS & CULTURE. Sobre a Japan House São Paulo. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/sobre-a-japan-house-s%C3%A3o-paulo-japan-house-sao-paulo/sAVxmTS4lhNYbg?hl=pt-BR>. Acesso em: 18 junho 2025.

ISSEY MIYAKE. TYPE-I MM project. Disponível em: https://us.isseymiyake.com/blogs/project_types/a-poc-able-issey-miyake-project-types-type-%E2%85%B0-mm-project. Acesso em: 28 junho 2025.

JAPAN HOUSE. Conceitos Japoneses: Mottainai. 06 maio. 2020. Disponível em: <https://japanhousesp.com.br/novidade/jhsp-conquista-novamente-a-certificacao-leed-platinum/>. Acesso em: 16 junho 2025.

JAPAN HOUSE. JHSP conquista novamente a certificação LEED platinum. 27 maio. 2024. Disponível em: <https://japanhousesp.com.br/jhsonline/conceitos-japoneses-mottainai-2/>. Acesso em: 16 junho 2025.

JAPAN HOUSE. O que é JH. Disponível em: <https://www.japanhouse.jp/pt/what/>. Acesso em: 16 junho 2025.

KARELL, Essi. Design for Circularity: The Case of circular.fashion. In: NIINIMÄKI, Kirsi (Ed). Sustainable Fashion in a Circular Economy. Aalto University, 2018.]

MAKE DESIGN STUDIO. Issey Miyake. Disponível em: <https://mds.isseymiyake.com/mds/en/collection/>. Acesso: 29 junho 2025

PAOLA LENTI. Paola Lenti and Casual Móveis meet art in São Paulo. Disponível em: <https://www.paolalenti.it/en/notizia/paola-lenti-e-casual-portano-mottainai-a-sp-arte/>. Acesso em: 28 junho 2025

PAOLA LENTI. Hana-arashi | pouf. Disponível em: <https://www.paolalenti.it/en/prodotto/hana-arashi-pouf/>. Acesso em: 28 junho 2025

DESIGN COMO CONSCIÊNCIA:

O MOTTAINAI JAPONÊS E A POTÊNCIA DO NÃO-DESPERDÍCIO

Por: Alice Freitas e Michele Gonzaga

Mais do que um centro cultural, a Japan House nos levou a uma perspectiva ampliada do papel do design. Localizada na Avenida Paulista, em São Paulo, desde a sua entrada já dava para sentir que aquele não seria um espaço qualquer. Projetada pelo arquiteto japonês Kengo Kuma, a Japan House reúne arte, design, gastronomia e tecnologia em um ambiente que respira tradição e modernidade ao mesmo tempo. O lugar nos convidava a repensar o mundo e como estudantes de design, foi impossível não nos deixar afetar por aquela fachada admirável, que já anunciava o cuidado e a intenção por trás de tudo que encontraríamos ali dentro.



A exposição em cartaz, chamada “Princípios Japoneses: design e recursos”, nos apresentou 16 projetos de 14 criadores que exploram o design como resposta sensível e consciente à questão dos recursos naturais. O que mais nos chamou a atenção foi o princípio central da mostra: mottainai, uma filosofia japonesa que traduz a ideia de “não-desperdício”. A exposição trazia peças que iam desde telhados feitos com palha de arroz até tecidos criados com casca de arroz e fibra de banana. Tudo ali nos dizia que o design não precisa ser sobre criar algo novo do zero, mas sim, sobre valorizar o que já existe, o que sobra, o que é invisibilizado.

Sáímos da exposição profundamente instigadas. Era tudo tão delicado, tão respeitoso, tanto no conceito quanto nos materiais. E, talvez, esse tenha sido o maior impacto da visita: perceber que projetar não é só pensar em inovação ou estética, mas é também um ato de consciência, de cuidado. O design que vimos ali era feito de limites de tempo, de espaço, de matéria, mas também de muito significado. Entendemos que uma boa solução não está só na ideia genial ou no apelo visual, mas na capacidade de respeitar os ciclos naturais e humanos.

Entre os projetos que mais nos marcaram, estavam os capacetes de segurança feitos a partir de conchas de vieiras, que nos surpreenderam tanto pela estética quanto pela proposta ecológica. O projeto parte de um problema ambiental real: em uma região do Japão onde o consumo dessas vieiras é elevado, as conchas eram amplamente descartadas. O que poderia ser apenas resíduo virou oportunidade. A partir da extração do carbonato de cálcio, combinado com plástico reciclado, surge o material base dos capacetes. E não para por aí: o próprio design do capacete é inspirado nos veios da concha da vieira, criando uma conexão visual e simbólica com sua origem. Uma verdadeira lição de como o design pode traduzir sensibilidade ecológica e inovação técnica em um único gesto.

Junto a esse projeto, os utensílios criados com restos de alimentos e urushi (laca japonesa) também chamaram nossa atenção: peças que, mesmo feitas com resíduos orgânicos, revelam durabilidade e sofisticação. Esses objetos comunicam com força a ideia de que o descarte pode dar lugar ao cuidado.

Outro destaque foi a casa feita com tubos de papel, criada pelo arquiteto Shigeru Ban. O projeto se utiliza de um material simples e acessível para propor soluções arquitetônicas emergenciais e sustentáveis. Além de funcional, o resultado visual era leve e harmônico, reforçando a noção de que simplicidade pode caminhar junto com propósito. É muito significativo ver como o design também pode ser uma ferramenta potente em contextos de vulnerabilidade e reconstrução.

E, além deles, também é importante citar outras propostas expostas de grande valia, como as banquetas feitas de arroz, serragem e juta pelo designer Kosuke Araki, o quimono da técnica Bashōfu, pensado para gerar o mínimo de desperdício possível, e o telhado de junco assinado por Ikuya Sagara, que integrava natureza e técnica de forma poética.

Por fim, outro elemento que teve grande impacto na nossa experiência foram os próprios expositores da mostra, feitos com notas de dinheiro recicladas. Eles traduziam visualmente o conceito da exposição: transformar aquilo que perdeu seu valor simbólico em algo que carrega conhecimento e significado. Foi uma escolha material e estética poderosa e que, de forma silenciosa, continua nos fazendo refletir.

A exposição conseguiu equilibrar tradição e inovação. Não havia uma oposição entre o novo e o antigo, pelo contrário, havia uma ponte. O design era apresentado como uma linguagem que conecta tempos e saberes, onde técnicas ancestrais convivem com soluções contemporâneas. E isso nos fez pensar no papel do designer como alguém que escuta, traduz e articula mundos.

A potência daquela exposição exigia de nós mais do que um olhar técnico. Pedia uma escuta atenta à memória dos materiais, aos processos, à política da forma. A curadoria teve o mérito de mostrar que o design pode ser uma forma de traduzir modos de vida, saberes esquecidos, tecnologias sutis que rompem com a lógica da obsolescência.

O que mais se fixou para nós foi esse exercício de deslocamento que a exposição provocou: sair da visão produtivista para enxergar o tempo dos ciclos; parar de ver o projeto como solução imediata e começar a entendê-lo como recomposição de vínculos. E isso é muito transformador. Nos perguntamos: o que carregamos dessa experiência? Quais princípios nos guiam quando projetamos? O que escolhemos desperdiçar? O que insistimos em preservar?

A contribuição social da exposição vai muito além de mostrar formas criativas de reaproveitamento de materiais. Ela provoca uma mudança de perspectiva sobre o que significa progresso. Recuperando o mottainai, a exposição nos lembra que sustentabilidade não é apenas sobre inovação tecnológica, é sobre postura, reverência, escuta. O desperdício não é só físico: ele é simbólico, estrutural, social. É resultado de um modelo que acelera tudo, que descarta pessoas, saberes, vidas.

Como estudantes de design, percebemos que nosso papel vai além da forma e da função. Nós também educamos, articulamos, cuidamos. Projetar não é só sobre resolver problemas, é também sobre regenerar o mundo. A exposição nos ensinou que o design tem um papel pedagógico: ele forma olhares, sensibilidades, imaginários. E, talvez, esse seja o verdadeiro poder do design: não o de inventar coisas, mas o de reencantar o que já existe.

REFERÊNCIAS

<https://japanhousesp.com.br/exposicao/principios-japoneses-design-e-recursos/>

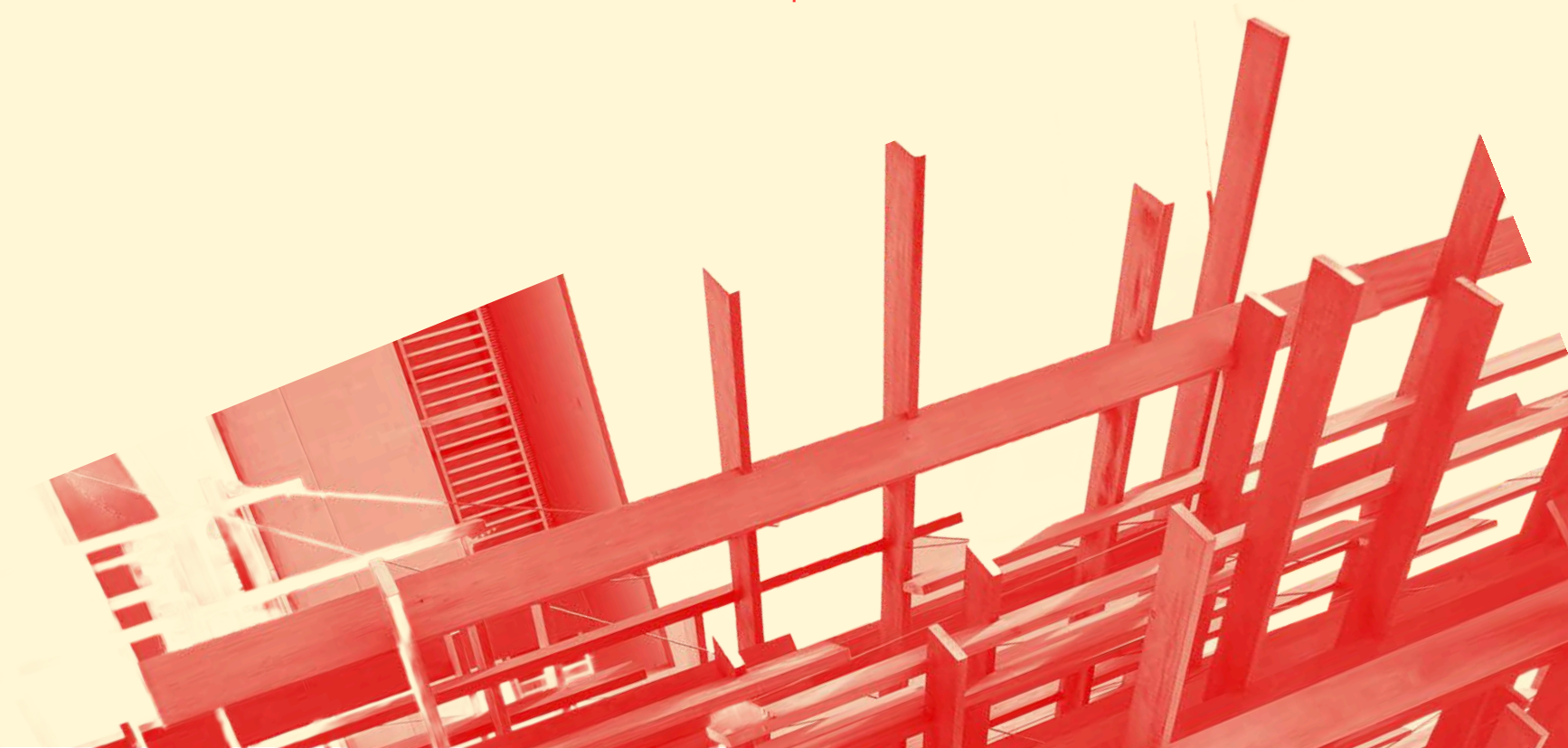
MEMÓRIAS E FUTUROS NA JAPAN HOUSE

Por: Alyne Borges e Giovana Calçado

A Japan House São Paulo foi a primeira unidade do empreendimento global do governo japonês, inaugurada em 2017 na Avenida Paulista. Localizada no bairro da Bela Vista, possui um espaço privilegiado de 2.600m², preenchido com exposições e eventos que se alteram com frequência, além de loja, café, restaurante, biblioteca e salas de seminários.

O museu é uma iniciativa do governo japonês para ampliar o conhecimento sobre a cultura nipônica no mundo e tem como objetivo oferecer uma tradução do país no século XXI, não deixando de lado as raízes e tradições tão marcantes do território. A casa combina arte, tecnologia e negócios como um reforço da aliança entre Japão e Brasil.

O espaço foi projetado pelo arquiteto japonês Kengo Kuma e pelo consultor criativo Kenya Hara em parceria com o escritório paulistano FGMF Arquitetos. Possui uma fachada feita com hinoki, uma antiga madeira cipreste nativa do Japão central, e painéis de malha coberta com washi, permitindo que os visitantes se sintam realmente imersos na cultura, podendo observar as técnicas e acabamentos tradicionais do país.



EXPOSIÇÃO

Nossa visita à Japan House se iniciou no segundo andar do edifício, com a exposição “A vida que se revela”, que exibia quatro séries de fotografias que capturam diferentes momentos do cotidiano, produzidas por duas artistas de diferentes gerações: Rinko Kawauchi (1972) e Tokuko Ushioda (1940).

Essa exposição nos tocou bastante no âmbito emocional e instigou muitas reflexões pessoais sobre a efemeridade da vida e importância dos registros. Apesar disso, nesse artigo vamos focar na exposição que aconteceu no térreo, que nos trouxe uma quantidade maior de insights sobre a nossa atuação profissional enquanto designers.



A exposição “Princípios japoneses: Design e Recursos” reuniu 16 projetos de 14 artistas diferentes, que abrangiam diversas áreas do conhecimento, como arquitetura, design, artesanato, moda, esporte e música. Esses projetos evidenciavam soluções criativas para uma questão muito atual e essencial para o design: a prevenção do desperdício e a conservação dos recursos.

A inspiração da exposição surgiu da filosofia de não-desperdício japonesa, a mottainai. Essa expressão tem origem budista e xintoísta, e promove atitudes que otimizem o consumo afim de diminuir e minimizar a poluição e a destruição, evitando o desperdício em todas as suas formas, desde alimentos e água até o tempo e as oportunidades.

Mottainai traz ao indivíduo a consciência de que temos a necessidade de nos conectar com a natureza e manter uma relação humilde, respeitosa e sem desperdícios, dando valor aos recursos, prezando por um aproveitamento mais consciente e incentivando a redução, reutilização e reciclagem para um mundo mais consciente e sustentável.

Um dos projetos em exibição que achamos interessante são as louças descartáveis da Wasara, utensílios produzidos do reaproveitamento do bambu e do bagaço da cana-de-açúcar. Tendo como resultado peças compostáveis que não têm plástico na composição e assim não agredem o meio ambiente, permitindo ter um ciclo de vida completo.

No ramo de mobiliário, temos a Cabbage Chair do estúdio de design Nendo. Uma cadeira produzida a partir de papel descartado, que é transformado em um tipo de tecido plissado. Outro exemplo seria do arquiteto Shigeru Ban, que expôs a Carta Bench, um banco sem encosto feito com tubos de papel resistentes que podem ser utilizados até mesmo em estruturas maiores como casas.

A reciclagem também é colocada em evidência no projeto Shellmet, um capacete produzido a partir do uso de resíduos de conchas marinhas obtidos da produção de vieiras em Hokkaido. Os artistas pensaram em soluções para garantir o reaproveitamento de um material que era sempre descartado e que contaminava o solo, assim desenvolveram shellstic, que combina o carbonato de cálcio das conchas com plástico reciclado.

A exposição “Princípios Japoneses: Design e Recursos” nos impactou profundamente. Projetos que foram extremamente pensados, bem-feitos e bem aplicados, demonstrando o avanço da tecnologia e o reaproveitamento de materiais que seriam descartados. Conhecer a filosofia do mottainai fez com que passássemos a observar desperdícios ao nosso redor e nos esforçássemos para fazer o possível para evitá-los.

Além disso, os trabalhos expostos trouxeram muitos insights e inspirações de como aplicar a sustentabilidade em nossos trabalhos e mostraram novas maneiras de enxergar materiais que poderiam ser considerados “lixo”.

CURI OSID ADES

Em “Princípios japoneses: design e recursos” o revestimento das paredes e dos mobiliários expositivos também seguiam o conceito do mottainai. Esse revestimento foi pensado pelo escritório de arquitetura RADDAR e produzido a partir de cédulas de papel-moeda que foram impressas com algum defeito e, caso contrário, seriam descartadas.

Um ponto obrigatório para os futuros visitantes desse centro cultural é verificar as exposições que estão em vigor com antecedência pelo site (japanhousesp.com.br) ou pelo Instagram (@japanhousesp), principalmente os horários das visitas guiadas, que fazem toda a diferença.

Além disso, a lojinha, que tem vários itens lindos e únicos, que você pode comprar de lembrança ou só admirar; o banheiro tem aqueles sanitários típicos do Japão que são super tecnológicos; e observar os detalhes da arquitetura da fachada.

No mais, a Japan House é definitivamente um destino obrigatório quando viajamos para São Paulo. Independentemente das exposições vigentes, garantimos que será uma experiência no mínimo muito interessante.

A exposição “Princípios japoneses: design e recursos” traz diferentes perspectivas de como reduzir o desperdício, utilizar ao máximo os recursos e recuperá-los por meio do design. No momento histórico em que vivemos, com constantes mudanças climáticas e o futuro do meio ambiente sendo colocado em segundo plano para interesses capitalistas, é uma perspectiva revolucionária utilizar o design para criar com sustentabilidade e colocar a natureza como prioridade.

Para nós, como estudantes, foi uma experiência transformadora entrar em contato com uma cultura que aplica conceitos estudados em sala de aula, em disciplinas como “Design Sustentável” e “Design e Inovação”, mas que encontramos tão pouco no mercado de trabalho. Acredito que todos nós levamos os aprendizados da exposição e as ideias dos projetistas para nossas práticas profissionais e vidas pessoais.

REFERÊNCIAS

<https://japanhousesp.com.br>

<https://www.japanhouse.jp/pt/what/saopaulo.html>

<https://artsandculture.google.com/story/sobre-a-japan-house-s%C3%A3o-paulo-japan-house-sao-paulo/sAVxmTS4lhNYbg?hl=pt-BR>

<https://japanhousesp.com.br/exposicao/a-vida-que-se-revela/>

<https://japanhousesp.com.br/exposicao/principios-japoneses-design-e-recursos/>

APRENDENDO A OBSERVAR:

A INFLUÊNCIA DA ARTE NA PERCEPÇÃO DO COTIDIANO

Por: Marcus Batista e Ana Beatriz

A CIDADE QUE FALA

Estar em São Paulo é presenciar grandes contrastes. Em meio ao concreto, ao ruído e à pressa, surgem expressões artísticas que funcionam como formas de resistência e respiro. A partir da observação do cotidiano paulistano, da arquitetura da cidade e até mesmo dos grafites espalhados por ela, foi inevitável refletir sobre o papel da arte e do design em nossas vidas.

JAPAN HOUSE E O OLHAR AO COTIDIANO

A visita à Japan House, localizada na Avenida Paulista, intensificou essa reflexão, ampliando nossas lentes de percepção aos detalhes, trazendo um olhar mais sensível e atencioso.

Nesse contexto, a exposição “A vida que se revela”, que presenciamos no segundo andar do prédio, convida o visitante a observar o comum de outra forma, colocando em perspectiva a nossa relação com o tempo e as minúcias do dia a dia.

A fotógrafa Tokuko Ushioda, na exposição Ice Box mostra como histórias podem ser contadas por meio de um simples objeto, com fotos de geladeiras de diversas famílias japonesas. A exposição nos leva a observar cada alimento presente e refletir sobre o que eles podem contar sobre os moradores da região, é um convite à observação do cotidiano que mostra como coisas banais carregam histórias.

Ao lado, Rinko Kawauchi traz um ângulo diferente, ainda no tema familiar e rotineiro, a exposição “Cui Cui” conduz a uma reflexão sobre o tempo e a efemeridade da vida. Fotografias que vão de registros de sua família, a reflexos de luz levam a refletir sobre o valor da nossa existência e dos momentos que vivemos.

ASPECTOS POSITIVOS

A exposição oferece uma oportunidade valiosa de repensar o cotidiano com mais sensibilidade. Ela lembra da importância de desacelerar e observar com mais atenção os detalhes que nos cercam, revelando que mesmo o mais comum pode conter histórias e emoções de maneira sutil.

Essa percepção reflete diretamente o nosso trabalho enquanto designers, nos mostrando a importância de prestar atenção aos mínimos detalhes para projetar com mais clareza e identidade. Entender para quem e onde estamos projetando nos leva a produzir projetos mais humanos, autênticos e culturalmente relevantes.

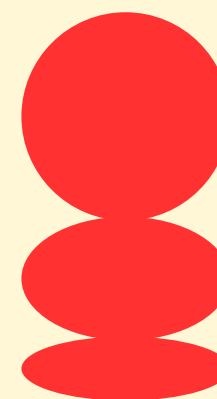
A
VIDA
QUE
SE
REVELA

Rinko Kawauchi
e Tokuko Ushioda

CONTRIBUIÇÃO SOCIAL

Não apenas na exposição, mas em toda nossa visita à São Paulo, aprendemos sobre a importância das expressões artísticas em nossas vidas.

Sejam nas ruas ou nos museus, o papel que estas expressões artísticas exercem nos cidadãos de uma metrópole é de grande importância, oferecendo uma nova visão para o cotidiano sufocante e nos levando a analisar de que forma impactamos o contexto social em que vivemos com nossos projetos.



CURIOSIDADES

QUEM SÃO TOKUKO USHIODA E RINKO KAWAUCHI

Nascida em 1940, Tokuko Ushioda é reconhecida pelo seu olhar sensível sobre o cotidiano e a intimidade da vida doméstica.

Além da “Ice Box” ela tem obras como “My Husband”, onde documenta sua vida familiar, incluindo momentos com seu marido e filha, e “Bibliotheca”, na qual fotografou livros e os ambientes onde são “lidos”, como bibliotecas e ateliês, destacando a relação entre as pessoas e os livros como objetos de arte.

Rinko Kawauchi é uma fotógrafa japonesa nascida em 1972, na província de Shiga. Ela ficou conhecida no mundo inteiro por fazer fotos que capturam a delicadeza do cotidiano. Coisas simples, como uma bolha de sabão, o brilho da luz na água ou um gesto comum, ganham profundidade e beleza nas mãos dela.

Dentre suas obras famosas, além das que estão na exposição, temos os três livros publicados em 2001: “Utatane” (Soneca), “Hanabi” (Fogos de artifício), Hanako”.



Utatane



Hanabi



Hanako

REFERÊNCIAS

<https://japanhousesp.com.br/exposicao/a-vida-que-se-revela/>

https://editorarealize.com.br/editora/ancis/cintedi/2024/TRABALHO_COMPLETO_EV196_MDI_ID3439_TB835_24062024200626.pdf

JAPAN
HOUSE

CAPÍTULO _2



MASP I E II:

IDENTIDADE E PERCEPÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE DE UMA METRÓPOLE

Por: Amanda Santana e Pedro Borges

No coração de São Paulo, inaugurado em 1947 por Assis Chateaubriand, o MASP foi pensado para ser o primeiro museu moderno do Brasil. A arquitetura do prédio foi idealizada por Lina Bo Bardi, a maior representante do modernismo brasileiro. Além disso, por que, entre tantas exposições, o museu será tema deste artigo? Pelo seu novo anexo. O “HD externo” do MASP é, de longe, um dos projetos mais fundamentados feitos na arquitetura contemporânea do país. O prédio reflete seu tempo, e o que parece ser só um paralelepípedo preto no meio da Avenida Paulista é, na verdade, reflexo de uma contemporaneidade externamente sóbria, mas com um interior massificado, que se encontra na puberdade da era digital.

O segundo edifício do MASP foi construído para comportar mais exposições e exemplares do acervo do MASP I. Ambos os edifícios são mágicos, cada um à sua forma, cada um em seu tempo. O primeiro é a idealização e o desejo da era modernista no Brasil, mesclando em um único vão exposições inigualáveis da nossa contemporaneidade, mas sem se esquecer do seu passado moderno, das suas vanguardas europeias e linhas retilíneas do meio do século XX.

M A S P

Durante o período da primeira semana de abril de 2025, era possível encontrar as seguintes exposições no prédio principal do Museu de Arte de São Paulo: Histórias LGBTQIAP+, que abrangia 3 andares; e Acervo em Transformação. Já no segundo prédio, Edifício Pietro Maria Bardi: Cinco ensaios sobre o MASP, que abrangia 5 andares.

Para um profissional do Design, o museu é, sem dúvida, uma fonte de inspiração, principalmente por ter sido um dos motores do desenvolvimento da área no Brasil. A exposição retrospectiva dos 70 anos do museu “Cinco ensaios sobre o MASP — Histórias do MASP” aconteceu no sexto andar do prédio II (MASP, 2025a). Para um designer, é impressionante estar diante da quantidade de mudanças que aconteceram de 70 anos para cá. Absorver todos os estilos, manifestações e motivos daquela história inspira o profissional a criar obras com aquelas visões estéticas e conceituais, que até hoje se mantêm vivas e funcionando por causa do estilo moderno brasileiro, movimento importante para a formação cultural do país.

A exposição dá espaço para diversas manifestações artísticas, seja no campo de arte, design gráfico ou produto, imprimindo a história do museu em todos esses elementos. Pessoalmente, senti falta apenas de vídeos de momentos durante essa passagem do tempo, além de uma menção maior e mais “honrosa” à própria cidade de São Paulo.

A exposição Acervo em Transformação contém centenas de obras, abrangendo diversos movimentos e eras da história humana. É importante visitá-la, uma vez que é uma parte tão icônica do museu. Com a internet, o ser humano é inundado de informações a todo momento.



M A S P

Nesse contexto, encontra-se no site do museu a seguinte descrição desta exposição: “O espaço aberto, fluido e permeável da galeria oferece múltiplas possibilidades de acesso e de leitura, eliminando hierarquias e roteiros predeterminados” (MASP, 2025b). Certamente essa disposição das obras é extraordinária e transformadora. Todavia, no mundo globalizado, digitalizado e acelerado que se vive no século XXI, essa disposição de obras é capaz de causar uma experiência mais massificada e repetitiva.

O MASP é o museu mais famoso do Brasil e sua contribuição social é inegável. Assim como a própria cidade de São Paulo, o museu se faz muito acessível culturalmente. A exposição “Histórias do MASP” e “Acervo em Transformação” mostram, a importância da história do museu e que ele é fundamental, até hoje, para a disseminação da cultura do século XX e contemporânea. Conhecer o MASP nos inspira como sociedade a criar espaço para a arte, não necessariamente museus, mas locais de expressão e reinvenção.



REFERÊNCIAS

MASP, 2025a. Cinco ensaios sobre o MASP — Histórias do MASP. Disponível em: <https://www.masp.org.br/exposicoes/cinco-ensaios-sobre-o-masp-historias-do-masp>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

MASP, 2025b. Acervo em transformação DESDE 2015. Disponível em: <https://www.masp.org.br/exposicoes/acervo-em-transformacao-2020>. Acesso em: 30 de junho de 2025

HISTÓRIAS LGBTQIA+

NO MASP:

**PERVERTIDOS, ESTRANGEIROS
E DEGENERADOS.**

Por: Hércules Henrique de Oliveira

O MASP, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, é um marco da arte moderna no Brasil. É um edifício icônico projetado por Lina Bo Bardi. Sua estrutura suspensa, com um vão livre de 74 metros, simboliza abertura, liberdade e acesso público. Desde sua fundação em 1947, o museu se posicionou como uma instituição inovadora no campo da arte, mas nem sempre foi um espaço de escuta para narrativas marginalizadas, visto que por muito tempo foi um local que celebrou apenas os nomes já consagrados, os corpos já legitimados, as vozes já autorizadas.

A exposição Histórias LGBTQIA+ foi mais do que uma mostra de arte: foi uma reescrita da história a partir dos corpos que sempre estiveram do lado de fora do museu, da escola, da política e da moral. Realizada entre dezembro de 2024 e abril de 2025, ela não teve medo de nomear aquilo que a sociedade ainda tenta esconder: que fomos chamados de pervertidos, estrangeiros, degenerados e ainda assim, continuamos vivos, criativos, desejantes.

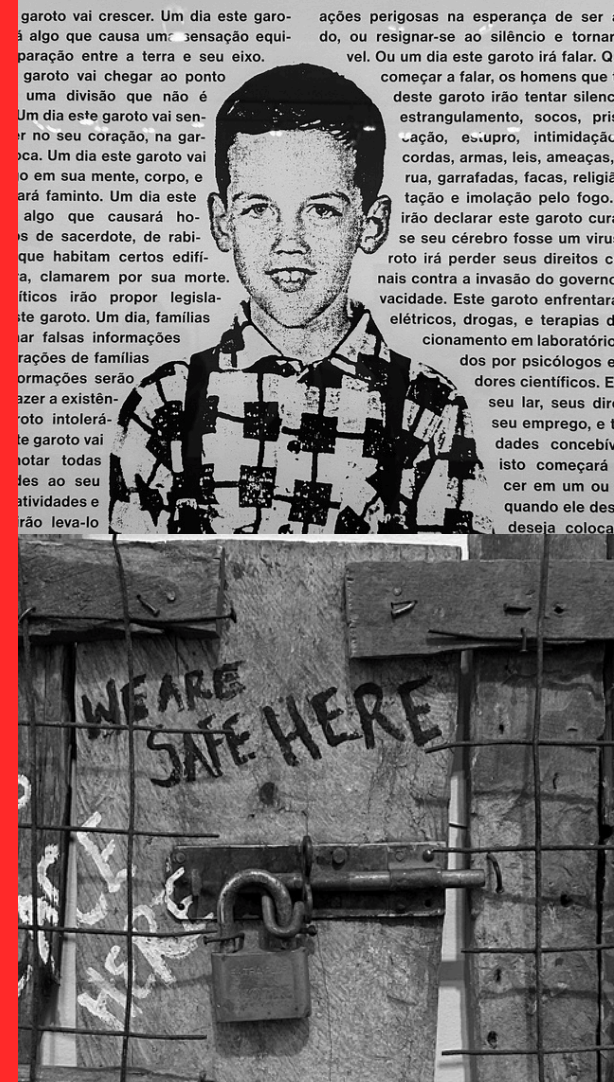
A maior lição que carrego dessa exposição, como futuro designer, é que projetar é um ato de enfrentamento. O design que quero praticar não se curva à estética dominante, não pede permissão para existir. O que vi no MASP foi arte como arma, arte como manifesto, arte como reparação. As obras não estavam apenas expostas, elas interpelavam, questionavam a estrutura, o museu, o visitante. O trabalho com imagens, objetos, palavras e ausência de palavras revelou que a linguagem visual também pode ser insurgência. Vi em cada obra uma potência projetual que não está nos manuais de design, mas nos corpos marcados por desejo, medo, culpa e orgulho.

Algumas obras da exposição "Histórias LGBTQIA+" no MASP foram amplamente comentadas, mas superficialmente compreendidas. Grande parte da mídia e das críticas se limitou a destacar o uso de inteligência artificial, como se esse fosse o ponto central, como se a presença da tecnologia fosse mais relevante do que o gesto político por trás dela. Ignoraram o essencial: o uso da IA por Mayara Ferrão não foi uma escolha estética vazia, tampouco uma tentativa de acompanhar tendências. Foi uma necessidade. Foi uma resposta direta à ausência violenta de registros, de arquivos, de memória lésbica negra na história oficial. Quando tudo o que nos diz respeito é apagado, excluído e ignorado, criar se torna um ato de resistência. A proposta da exposição é justamente reimaginar histórias queer silenciadas, dar visibilidade a narrativas marginalizadas e resgatar, ainda que por caminhos alternativos, o que nos foi negado. A IA foi apenas o meio, o que importa é o fim: reconstruir o que foi destruído, projetar uma memória que nos contemple, que nos reconheça, que nos afirme. O trabalho de Mayara é essencial porque denuncia esse apagamento histórico e, ao mesmo tempo, desafia-o com potência criativa.



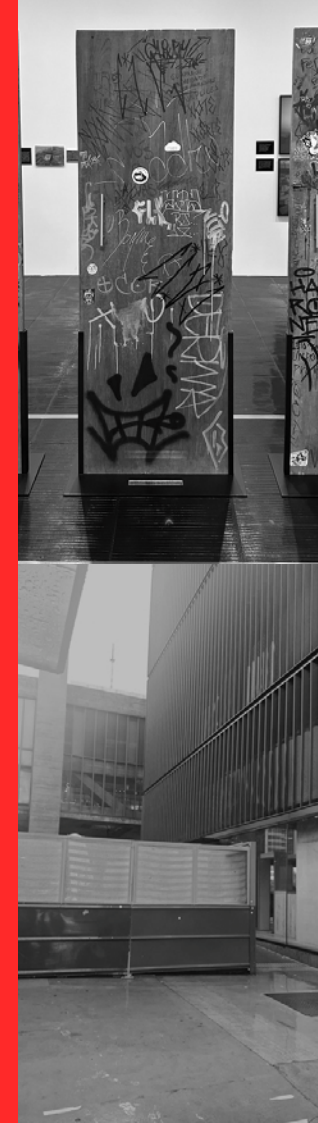
M A S P

(1) Am Safe Here (2015), de Leilah Babirye, é um soco no estômago. Feita de madeira velha, ferragens, fios de arame e um cadeado grosso, a obra não é só uma representação da exclusão. Ela é a própria exclusão materializada. Um abrigo improvisado, frágil, violado, mas que insiste em existir. A mensagem "We are safe here" soa como uma ironia cruel em um mundo que nunca foi seguro para corpos indesejáveis, especialmente negros e queer. A obra mostra que o lugar seguro para pessoas LGBTQIA+ muitas vezes precisa ser construído do zero, com o que sobra, com o que foi descartado, mas com dignidade. A obra fala de fronteiras, de casa, de exílio, e nos lembra que segurança, para nós, é um gesto radical de resistência.



M A S P

(2) As três portas pichadas que vi logo no início da exposição me prenderam. Era impossível olhar para elas sem pensar em sobrevivência. Banheiros públicos, saunas, fundos de cinemas e parques: o que, para muitos, é apenas um espaço de passagem, para nós sempre foi trincheira. O "banheirão" não é lenda urbana, é patrimônio histórico da resistência gay. Quando a sociedade criminalizou nossos corpos, nós nos encontramos nos únicos lugares possíveis. Aquelas portas, cobertas de tags, rabiscos, símbolos, são testemunhos do desejo que não se dobra. E mais: são a prova de que, mesmo no subsolo da vida urbana, conseguimos construir redes, comunidades, afetos. A marginalização não nos impediu de amar. Pelo contrário, nos ensinou a fazer do amor uma forma de revolta.

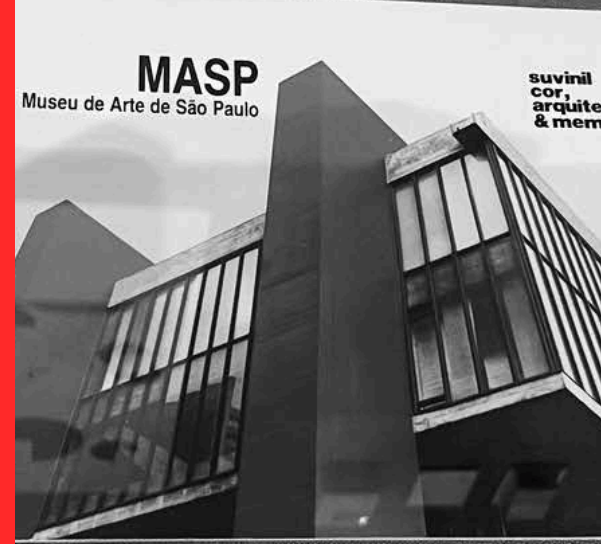
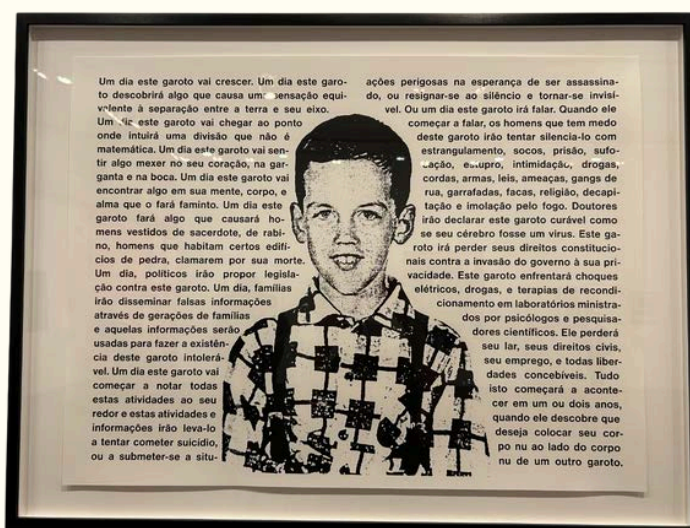




M A S P

(3) Untitled (One day this kid...), de David Wojnarowicz, me perseguiu. Um retrato de um garoto, frágil, com roupa estampada, cercado por um texto que prevê, com precisão cirúrgica e cruel, tudo o que ele vai sofrer só por existir. Um garoto gay. Um garoto afeminado. Um garoto que vai crescer, e então, será visto como uma ameaça. O texto fala em terapias de choque, prisões, ameaças, abusos, leis contra ele, médicos que tentarão “curá-lo” como se fosse um vírus. O mundo inteiro se estrutura para matar esse garoto em vida. E, ainda assim, ele cresce.

É impossível olhar essa obra sem lembrar que esse garoto somos nós. Somos nós tentando sobreviver às famílias, aos padres, aos psicólogos, à escola, às piadas, ao medo de andar na rua. Wojnarowicz não apenas fez uma obra: ele escreveu nossa infância como uma sentença de guerra. Mas também é aviso de que, apesar de tudo, a gente cresce. E, se hoje estou aqui escrevendo este texto, é porque aquele garoto, que todos quiseram calar, não apenas sobreviveu: ele se fez voz.



M A S P

A exposição não apenas documenta histórias LGBTQIA+, ela refuta o silêncio. Ela incomoda. Ela confronta. Ela olha nos olhos do visitante e diz: você ignorou isso por tempo demais. É uma contribuição imensa para a memória social, mas também para o futuro. Não se trata de nostalgia ou homenagem: trata-se de disputa. De reocupar o tempo, o espaço, o discurso. Como futuro designer, entendo que meu papel não é agradar, nem decorar, mas provocar. Projetar com e para existências silenciadas é negar a lógica normativa do design branco, hétero, cis, limpo e funcionalista. É assumir que estética é também ética. Que nossas formas, nossas cores, nossos gestos e nossas palavras têm que carregar as marcas da luta.

Essa exposição me lembrou de que o mundo que nos cerca não foi feito para nós, e que, justamente por isso, precisamos refazê-lo. Com nossos próprios códigos, com nossas próprias mãos, com nossos próprios corpos. Porque, como disse o presidente Lula: “Os poderosos podem matar uma, duas ou três rosas, mas jamais conseguirão deter a chegada da primavera”.

Nós somos a primavera. E já estamos florescendo dentro dos museus que antes nos apagavam.

REFERÊNCIAS

<https://mubi.com/pt/br/films/maurice-s-bar>. Acesso em: 31 jul. 2025.

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2024-12/exposicao-no-masp-compartilha-profusao-de-taticas-e-cenas-do-cotidiano>. Acesso em: 31 jul. 2025.

<https://www.masp.org.br/exposicoes/historias-lgbtqia>. Acesso em: 31 jul. 2025.

<https://www.vervegaleria.com/artistas/mayara-ferrao/>. Acesso em: 31 jul. 2025.

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/04/20/masp-tem-barriguinha-na-laje-veja-curiosidades-sobre-a-estrutura-do-museu-de-arte-de-sao-paulo-que-vai-passar-pela-la-restauracao.ghtml>. Acesso em: 31 jul. 2025.



DEBATE CULTURAL



MUSEU DO IPIRANGA: A RECONSTRUÇÃO

Por: Camila Fernandes

O Museu do Ipiranga, como é conhecido o Museu Paulista, foi inaugurado em 7 de setembro de 1895, como um monumento de celebração à Proclamação da Independência. Contudo, sua construção, que começou a ser idealizada em 1823, tem forte influência de estilos arquitetônicos europeus, em especial o neoclássico.

Inicialmente, o primeiro museu de São Paulo era dedicado à História Natural. Entretanto, em 1922, sob a gestão de Affonse d'Escragnolle Taunay, as coleções foram substituídas por acervos históricos, gerando um novo perfil para a instituição. Nesse momento, o museu passou a enfatizar não só o processo de Proclamação da Independência, mas também a relevância de São Paulo no contexto nacional. Todavia, uma das estratégias para isso foi a constituição da identidade paulista por meio da figura do bandeirante, que é colocado como herói nacional em peças adquiridas ou encomendadas durante a direção de Taunay.



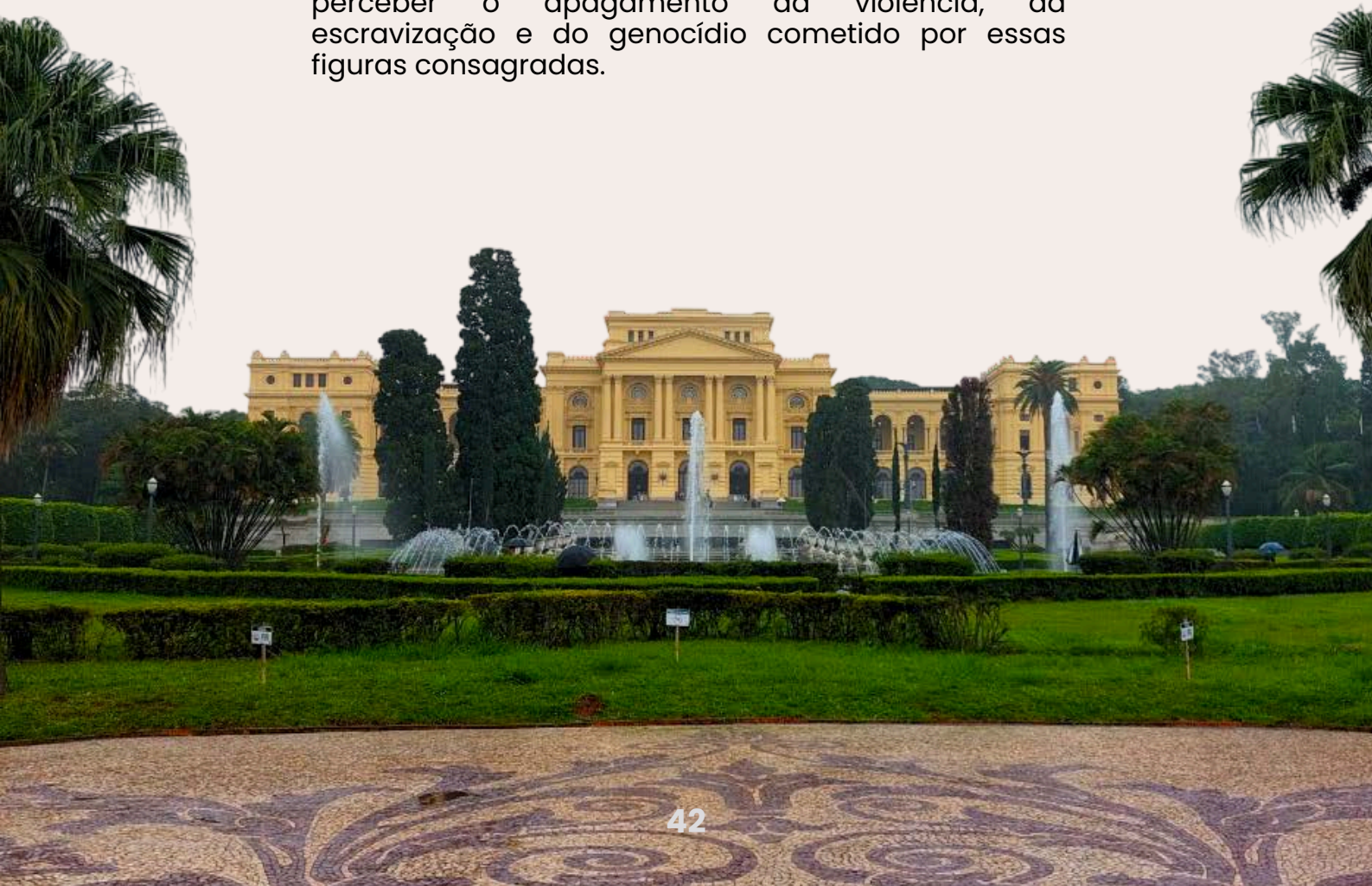
Em 1963, a instituição passou a integrar a Universidade de São Paulo (USP), tornando-se um museu universitário referência em pesquisa sobre a sociedade brasileira. Porém, em 2013, o edifício foi fechado ao público por complicações causadas por infiltrações de água no forro. Além das reparações necessárias, o projeto da reforma contemplou também a ampliação do jardim, uma entrada pelo Parque da Independência, um mirante, entre outras melhorias tecnológicas e de acessibilidade. Durante a obra, a maior parte do acervo foi transferido para imóveis alugados pela USP, onde permaneceram até que houvesse um lugar de pesquisa definitivo, e com isso ficou disponível para pesquisadores.

Nove anos mais tarde, em 2022, o Museu do Ipiranga foi reaberto ao público. Porém, dessa vez a curadoria busca colocar em perspectiva o seu próprio acervo, tentando gerar questionamentos a partir de uma proposta de expografia decolonial.

É POSSÍVEL DECOLONIZAR UM EDIFÍCIO?

Ao entrar no saguão do Museu do Ipiranga, é impossível não reparar nas estátuas de mármore, com mais de 3 metros de altura, dos bandeirantes Fernão Dias e Raposo Tavares. Ademais, ao subir a escadaria, somos cercados por estátuas de bronze e pinturas de outros bandeirantes, além de uma escultura, também de bronze, de Dom Pedro I, como figura central.

Essas, e diversas outras obras do acervo, foram comissionadas ou adquiridas durante a gestão de Taunay, que via os bandeirantes como protagonistas da história de São Paulo e fundamentais para a formação da nação. Nesse cenário, nota-se a estruturação de um memorial que demonstra grande apreço ao colonizador. Adicionalmente, é possível perceber o apagamento da violência, da escravização e do genocídio cometido por essas figuras consagradas.



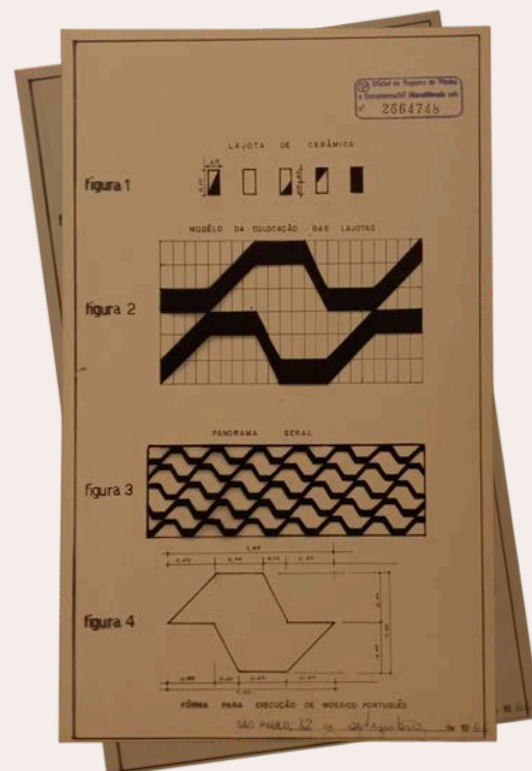
Ao falar sobre a atual curadoria do museu, é importante ressaltar que as obras supracitadas são tombadas pelo patrimônio histórico, e por isso não podem ser retiradas de sua configuração original. Dito isso, um dos maiores desafios da nova proposta da instituição é conseguir conciliar e compensar essas homenagens com uma expografia que questione a posição de prestígio heroico em que esses personagens foram colocados durante mais de um século.



Para isso, vê-se um esforço para a maior representação de mulheres e pessoas racializadas nas obras expostas. Além disso, uma das estratégias que está sendo aplicada após a reabertura é trazer exposições de média ou longa duração que representem o cotidiano, a casa e o trabalho brasileiro, como uma tentativa de descolonizar o museu.



EXPOSIÇÕES E REVISITAS



Para a reinauguração do museu, foram organizadas exposições de longa duração que colocassem em perspectiva a narrativa implementada anteriormente. Dentre essas, "Territórios em Disputa" trata da formação do território brasileiro, não como um processo pacífico, mas revelando os conflitos entre diferentes grupos durante a colonização. Por sua vez, "Uma História do Brasil" e "Passados Imaginários" questionam o discurso gerado pelo próprio acervo do museu, por meio de textos, quadros e peças contemporâneas.

Além dessas, a exposição "Casas e Coisas" apresenta utensílios domésticos dos últimos 150 anos. Os itens estão distribuídos de acordo com a relação com o gênero e com a função. Entretanto, muitos estão dispostos com o propósito de o visitante fazer associações entre eles, levando a reflexões sobre a realidade em que vivemos.

Paralelamente, em "Mundos do Trabalho" são encontradas ferramentas utilizadas no trabalho rural e urbano nos séculos XIX e XX. Nesse ambiente, também são encontrados outros documentos, como fotografias e pinturas de trabalhadores.

Essas duas exposições demonstram o esforço para a diversificação do acervo e a incorporação de coleções mais representativas da realidade brasileira. Dessa forma, apresentam a identidade nacional como a do brasileiro comum, diferente do que era mostrado anteriormente.

Entretanto, em uma revisita, a grande quantidade de utensílios de uso cotidiano pode não ser um atrativo. Digo isso como um relato pessoal, dado que, quando conheci o museu pela primeira vez, em 2023, fiquei intrigada com os objetos expostos. Assim, achei estranho quando ouvi de familiares e amigos que já conheciam o museu antes da reforma, que sentiram muita falta do acervo antigo, pois o consideravam mais interessante. Porém, durante a visita em 2025, confesso que não fiquei entusiasmada em rever essas peças. Do mesmo modo, é difícil comparar o seu impacto com as grandes esculturas no saguão.

Isto posto, desde a reinauguração, o Museu do Ipiranga vem colocando empenho na desconstrução da imagem do colonizador como herói nacional. Esse é um trabalho árduo e demorado, uma vez que vai ao encontro à própria edificação. Apesar disso, a instituição é um marco nacional e, com certeza, vale a pena conhecê-la.



REFERÊNCIAS

PINHONI, Marina; CÂNDIDO, Cleber. Museu do Ipiranga começa a retirar carruagens, quadros e outros objetos históricos para reformar o prédio. *El Globo*. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/museu-do-ipuranga-comeca-a-retirar-carruagens-quadros-e-outros-objetos-historicos-para-reforma-do-predio.ghtml>. Acesso em: 7 de jul. de 2025.

ANDRADE, Rodrigo. Vida nova para o Museu do Ipiranga. *revista pesquisa fapesp*. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/vida-nova-para-o-museu-do-ipuranga/>. Acesso em: 7 de jul. de 2025.

SANTOS, Raissa. CASAS E COISAS: RESENHA DE UMA EXPOSIÇÃO. *SEMINA - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF*, 2023.

BREFF, Ana. História nacional em São Paulo: o Museu Paulista em 1922. *Anais do Museu Paulista*, 2003.

SANTA-CRUZ, Lucia; PERAZZO, Priscila. Colonialidades e decolonialidades no Museu do Ipiranga: histórias e narrativas da Independência. *Revista memória em rede*, 2024.

WALDMAN, Thaís. Do Museu Paulista às salas de aula: a representação visual de bandeirantes na produção editorial didática brasileira. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Unirio | MAST - vol.16, no2, 2023*.

SP-ARTE:

UMA DISCUSSÃO SOBRE INOVAÇÃO, DEMOCRATIZAÇÃO E ELITIZAÇÃO DO DESIGN

Por: Lara Fonseca e Naomy Pereira

Desde 2005, a SP-Arte é amplamente aguardada pela comunidade de arte e design, sendo referência não só no Brasil, mas também em toda a América Latina. Considerada um importante ponto de encontro para novos profissionais e nomes consolidados, o evento reúne artistas, designers, marcas e colecionadores entusiasmados ao longo de cinco dias movimentados.

Ainda que seja um evento comercial, a SP-Arte mantém o formato de galerias, onde é possível que os visitantes transitem entre as obras e as adquiram, caso interessados. O acervo do evento conta com obras de arte nacionais e internacionais de várias épocas e movimentos, tendo sido recentemente enriquecido pela inclusão dos estandes de design. No meio disso, se destacam as exposições interativas, onde os visitantes podem tocar nos objetos, ouvir palestras, acessar os conteúdos adaptados para pessoas com deficiência e receber amostras dos produtos.

Para frequentadores anuais, os corredores de arte podem não oferecer questionamentos, mas para os novatos a SP-Arte pode causar tanto deslumbre quanto espanto. Ainda que seja realizado em locais públicos, a maior parte do evento ocorre durante dias úteis e o ingresso é cobrado à parte, trazendo assim o início do questionamento:

ATÉ QUE PONTO PODE SER
CONSIDERADO UM EVENTO
ACESSÍVEL PARA A MAIOR
PARTE DA POPULAÇÃO?





Com uma enorme estrutura, iluminação planejada e organização intimidadora, à primeira vista o evento assusta pela dimensão. Ao longo dos extensos corredores, é possível fazer uma análise sobre o tipo de produto que está sendo comercializado e o público-alvo. Os preços exuberantes das peças e a prontidão dos clientes ao comprá-las revelam a classe social do público-alvo do evento e intimidam aqueles que estão ali apenas para conhecer ou apreciar. Além dos fatores físicos do evento, a comunicação visual escolhida pela organização reforça a imagem de um local de elite.

A identidade visual minimalista trouxe um ar de sofisticação, enquanto seus maiores meios de comunicação, Instagram e site, apresentam o evento como uma exposição nichada, dando destaque a nomes de artistas conhecidos no meio, mas sem se preocupar em introduzi-los a possíveis leigos no assunto.



Tratando dos meios de comunicação, não houve ampla divulgação, já que foram poucos os meios gratuitos de comunicação que consideraram o tema relevante. A CNN se destacou como o principal jornal gratuito com apenas duas publicações, divulgando as datas e o local, além de introduzir brevemente o evento e finalizar com os valores dos ingressos.

Apesar disso, na edição “Como a SP-Arte se beneficia do sucesso da arte brasileira no exterior” do programa “Como é que é?” da Folha de São Paulo, o repórter João Perassolo destaca que o evento é essencialmente de caráter comercial, onde diferentes galerias e museus expõem suas artes à venda e funcionam como um local de network entre artistas, criadores e possíveis investidores, tanto no cenário nacional como internacional. Assim, no nicho onde está inserido, o evento é considerado uma das maiores e mais prestigiadas feiras de arte do mundo. Nas palavras do repórter, ele destaca que “é difícil dizer que ela tem o alcance nacional, mas ela tem certamente um apelo nacional”; dessa forma, se entende que o evento se encaixa como demonstração cultural do Brasil para o mundo e não para sua própria população. Inclusive, é destacado durante o programa que a democratização da arte não é algo de interesse de feiras como essa, que, geralmente, são feitas a partir de investimentos de dinheiro privado com o objetivo de comercializar as obras ali apresentadas, diferentemente de museus que têm como interesse expor essas obras e que, ao torná-las acessíveis, permitem que o museu consiga se manter com maior facilidade.

Portanto, podemos concluir que o impacto e importância da SP-Arte são inegáveis, porém nichados e inacessíveis. Entende-se que um evento como esse possui características indissolúveis e que não é interessante para os investidores que se torne uma “feira de rua” comum. Entretanto, para um evento que é vendido como berço de valorização das criações brasileiras na arte e no design, ainda é possível questionar a falta de inclusão da população e se um dia será possível ver o verdadeiro Brasil ao longo dos imponentes corredores.

REFERÊNCIAS

<https://www.sp-arte.com/obras>

https://www.instagram.com/sp_arte/

<https://www.cnnbrasil.com.br/lifestyle/sp-arte-2025-feira-vai-dar-destaque-a-design-saiba-quando-comeca/>

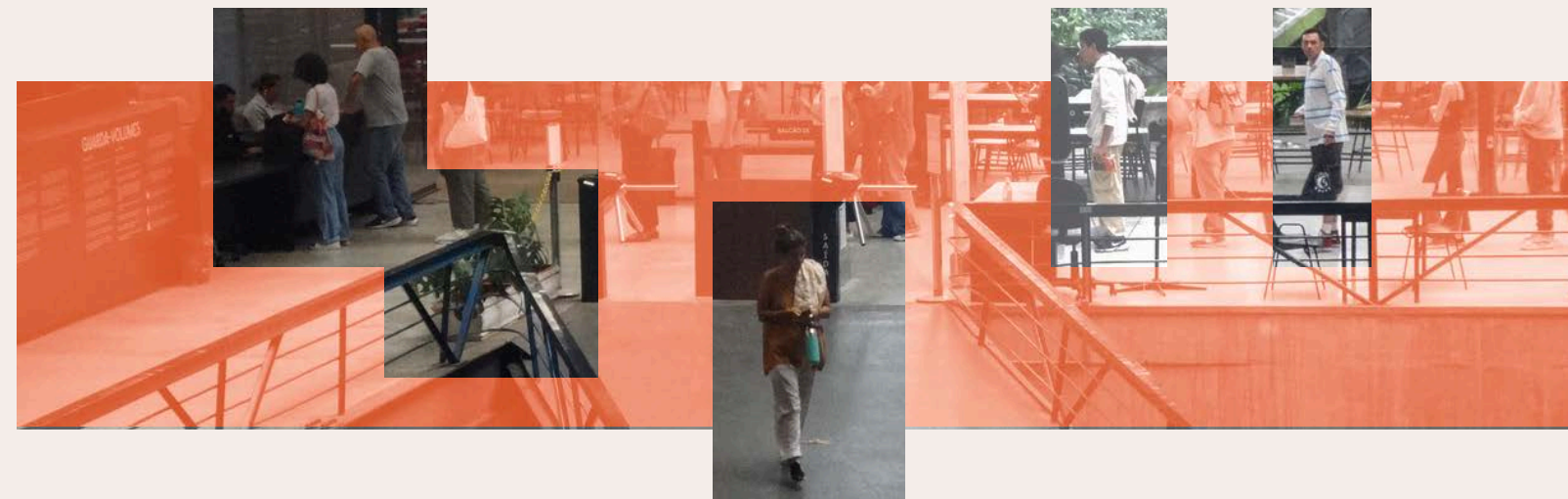
<https://www.cnnbrasil.com.br/lifestyle/sp-arte-2025-publico-pode-visitar-a-feira-a-partir-desta-quinta-feira-3/>

<https://forbes.com.br/forbeslife/2025/04/os-destaques-da-sp-arte-2025/>

<https://www.youtube.com/watch?v=Xkf9AZTOR>

CENTRO CULTURAL DE SÃO PAULO: ESTÍMULO E DESACELERO

Por: Artur Garcia



O Centro Cultural de São Paulo, localizado na Rua Vergueiro, situa-se estrategicamente ao lado de vias importantes, que ligam o centro e a zona sul da maior cidade da América Latina. Não à toa, o CCSP foi feito propositalmente perto da estação de metrô Vergueiro, sendo projetado para ser um ponto de passagem conveniente aos trabalhadores e estudantes que ali transitam, com a premissa da democratização do acesso à cultura.

Inaugurado em 1982, o projeto arquitetônico único de Eurico Prado Lopes realmente reage de forma diametralmente oposta ao ritmo energizante da metrópole. A sensação de calma em contraposição ao caos da cidade é, de forma proposital, o pilar central do espaço. Dentro da instalação, o tempo para, não há mais pressa, preconceito ou o empurra-empurra típico de São Paulo. O espaço conta com pavilhões interconectados com diversas propostas, como: exposições artísticas gratuitas e rotativas, teatro, cinema, biblioteca (espetacular por sinal), oficinas de reparos para bicicletas, oficinas de confecção de cartazes e lambe-lambe, ensaios dos mais diversos estilos de dança, shows, mostras de cinema, horta comunitária (sim, as pessoas plantam alimentos lá também) e muitas outras coisas para fazer e observar.

Para mim, não é exagero nenhum dizer que o CCSP é meu lugar preferido de São Paulo e lá me sinto bem, nutrido de estímulos culturais e sociais que se traduzem em um espaço, a variedade de versões de que São Paulo é composta. Recomendo enormemente que visite o espaço, com tempo, para poder entender do que estou falando.

Durante minha visita, duas exposições me chamaram à atenção. A primeira delas foi “Centenário Pau Brasil”, onde se homenageou o livro de poemas “hiper” reconhecido “Pau Brasil” de Oswald de Andrade, que conta com ilustrações exclusivas de Tarsila do Amaral. A exposição, apesar de breve, era bastante completa e, através dos poemas presentes no livro, foi apresentado o processo criativo por trás das ilustrações dos poemas. Essa exposição com certeza me fez viajar até os tempos coloniais do Brasil, além de refletir sobre essa simbiose que os dois artistas tiveram durante o processo de desenvolvimento do livro.

A segunda exposição que me chamou à atenção foi “Lentes do Samba”, uma exposição de fotografias de Joice Aguiar. Nessa exposição, a fotógrafa captura momentos relacionados ao samba e toda a cultura que o envolve. Foram fotografadas rodas de samba em diversos lugares de São Paulo, desde as mais “raízes” até as rodas com configurações mais diversas e modernas.

Foi interessante demais perceber como o olhar da fotógrafa é afiado para capturar a emoção das pessoas e dessa manifestação cultural tão tipicamente brasileira.



De forma geral, o Centro Cultural de São Paulo apresenta muitos pontos positivos. Sua localização, apesar de levantar reflexões sobre essa real “democratização do acesso à cultura” é objetivamente boa, sendo possível acessá-lo por vias rápidas, ônibus e metrô, o que possibilita que os trabalhadores e estudantes tenham possibilidade logística de visitar o espaço (como de fato acontece, mas poderia acontecer mais).

A entrada gratuita, sem dúvidas, estimula o público a visitar o local. A infraestrutura é muito boa e oferece muitos benefícios de forma gratuita, precisando, no máximo, fazer um cadastro de 5 minutos. Muitos grupos culturais, como coletivos de dança, utilizam os espaços amplos do CCSP para ensaiarem suas coreografias de forma pública e segura. O terraço comunitário é um lugar muito convidativo para um encontro, happy hour ou até mesmo para aquele momento de descanso durante o dia. As exposições rotativas possuem uma ótima curadoria e realmente convidam o visitante a consumi-las. Percebi também que as exposições são mais enxutas, o que se alinha com a proposta de um “centro cultural” e não um museu propriamente dito.

O ponto alto do espaço, para mim, é a confortável biblioteca, que possui um acervo gigantesco. Ao fazer o cadastro gratuito, o visitante tem acesso a livros de todos os cantos do mundo (antigos e atuais) e de variados assuntos, o espaço de estudos conta com Wi-fi e oportunidade de consumir músicas em vinil de diferentes locais e épocas.

Há também entretenimento pago, mesmo que acessível. No CCSP há teatro e cinema com atrações semanais recorrentes, além de um restaurante/café muito gostoso e relativamente barato.



Ao visitar o Centro Cultural da Vergueiro, você deve fazer ao menos 3 coisas. Primeira delas: desfrutar da mistura de pessoas, culturas e da paz que o ambiente proporciona, afinal de contas, saiu dali “já é São Paulo de novo”. Em segundo lugar, você precisa conferir as exposições rotativas, elas são bem rápidas de serem visitadas e de forma geral, bem cativantes. Em terceiro lugar, você precisa reservar um tempo para passear pela biblioteca, lá você, com certeza, encontrará um livro que lhe apetece para folhear e pesquisar. E como bônus, se você der sorte de achar uma atração em um horário conveniente, assista a uma peça no teatro do CCSP. Lá, a proposta é um teatro bem “cru” e experimental, com uma caixa cênica bem próxima do público, gerando uma imersão muito legal!

O CCSP tem algo de diferente! Desde seu nascimento, com sua proposta de projeto, arquitetura e configuração, é quase impossível não notar que o espaço foi pensado para que as pessoas se sintam bem nele. Lá, todos têm lugar. Não importa de onde você venha ou qual seja seu grau de “escolaridade”, o cerne do espaço é incluir sempre. O Centro Cultural proporciona lazer, cultura e espaço de trabalho gratuito, tudo isso dentro de São Paulo, onde praticamente tudo se paga, e se paga caro! Como estudante, apreciador de cultura e de boas ideias acredito que o CCSP é um modelo a ser seguido por qualquer projeto de inclusão que utilize a cultura como meio de proporcionar uma sociedade melhor. Lá se aluga livros gratuitamente, há internet, segurança, respeito e a calma que todos precisamos (principalmente os paulistanos).

REFERÊNCIAS

<https://youtu.be/C1MLsbm9OaQ?si=rHskYyGlxEuzSzFv>
https://youtu.be/tVplbN2-_qc?si=jeXP9mydgXwv77xV
<https://www.instagram.com/ccspoficial/>
<https://centrocultural.sp.gov.br/>
https://centrocultural.sp.gov.br/wp-content/uploads/2025/06/agenda_maio-2025.pdf
<https://www.youtube.com/c/CentroCulturalS%C3%A3oPauloCCSP/videos>



PENSA NUM
LUGARZINHO BÃO!

DINÂMICA URBANA

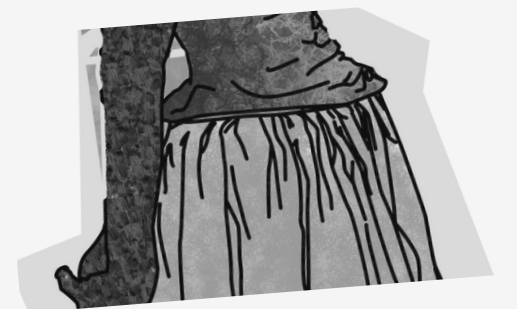
TRAJETÓRIAS VISUAIS

**A EXPERIÊNCIA DO DESIGN NAS
PAISAGENS CULTURAIS DE SÃO PAULO:
UMA COLETÂNEA CULTURAL PELO MASP,
MUSEU DO IPIRANGA E SP-ARTE**

Por: Sofia Pacceli e Silvio Junior

Entre os dias 01 e 06 de abril de 2025, participamos de uma viagem técnica organizada pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), realizada com a turma do curso de Design, na disciplina Projeto IV, sob orientação dos professores João Carlos Riccó Plácido da Silva e Juscelino Humberto Cunha Machado Junior. A viagem teve como destino a cidade de São Paulo, com um roteiro cultural intenso que proporcionou uma verdadeira imersão no universo das artes visuais, design, arquitetura e cultura contemporânea. Saímos de Uberlândia na noite de terça-feira, dia 01/04, e retornamos na manhã de domingo, 06/04. O itinerário contou com visitas a pontos emblemáticos, como a Pinacoteca Luz, Pinacoteca Contemporânea, Japan House, Casa Dexco, MASP, MASP Novo Edifício, SP-Arte, Museu do Ipiranga e Shopping Iguatemi – para visitar as lojas conceito ou Concept stores.

Dentre os espaços visitados, destacamos três que nos marcaram profundamente: o MASP, a feira internacional SP-Arte e o Museu do Ipiranga. No MASP, além do acervo permanente e da arquitetura icônica projetada por Lina Bo Bardi, observamos de perto a obra "A bailarina", do artista Edgar Degas – uma das peças mais emblemáticas do museu. Na SP-Arte, que é uma das mais prestigiadas feiras de arte contemporânea da América Latina, fomos surpreendidos por uma impactante escultura de um anjo em mármore, cuja presença silenciosa dialogava com temas de fé, morte e transcendência. Por fim, o Museu do Ipiranga, com sua imponência renovada após anos de restauração, nos impressionou tanto pela escala quanto pelo cuidado curatorial com a história brasileira.



A visita ao MASP foi, sem dúvida, enriquecedora. Como estudantes de design, perceber a forma como as obras dialogam com o espaço e entre si, especialmente com os cavaletes de vidro projetados por Lina Bo Bardi, nos mostrou o poder do design na mediação entre arte e público. A obra "A Pequena Bailarina de Catorze Anos", de Degas, chama a atenção não apenas por sua delicadeza, mas também pela inovação: esculpida originalmente em cera e apresentada com roupas reais, a peça chocou o público na época por romper com a idealização clássica da escultura. Essa escolha de material e realismo antecipa preocupações modernas com o corpo, o trabalho e a juventude - temas que ressoam com questões atuais do design e da representação.

Na SP-Arte, além do dinamismo do evento e da variedade de linguagens artísticas, a escultura em mármore de um anjo foi um dos pontos altos. A peça, que parecia evocar elementos religiosos e ao mesmo tempo uma crítica sutil à imortalização da arte, gerava um forte contraste entre a leveza do tema e a densidade do material.



Para quem nunca visitou esses espaços, alguns pontos devem ser priorizados. No MASP, além da obra da bailarina e da exposição principal, é indispensável observar os cavaletes de vidro, que revolucionam a forma de exibir arte e observar as exposições ativas. Na SP-Arte, sugerimos explorar os stands de artistas independentes e observar como o design expositivo influencia a leitura das obras. No Museu do Ipiranga, o Salão Nobre, com sua grandiosidade arquitetônica e a icônica tela "Independência ou Morte!", é uma parada obrigatória. Também vale subir até a varanda para observar os jardins e o eixo monumental que conecta o museu ao Parque da Independência.

A viagem proporcionou não apenas um contato direto com obras de arte, mas também um aprofundamento nas questões sociais, culturais e políticas que atravessam o design. A exposição no MASP suscitou sobre como a representação do corpo e da infância reflete valores de época. A SP-Arte ampliou nossa noção de mercado criativo e a potência simbólica da arte contemporânea. Já o Museu do Ipiranga levou à reflexão sobre a construção da memória nacional e como o design pode ser usado como ferramenta de narrativa histórica. Como futuros designers, saímos desse percurso mais conscientes do nosso papel como mediadores entre cultura, sociedade e linguagem visual.

REFERÊNCIAS

- MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Site oficial. São Paulo: MASP, 2025. Disponível em: <https://masp.org.br>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- SP-ARTE – Feira Internacional de Arte de São Paulo. Site oficial. São Paulo: SP-Arte, 2025. Disponível em: <https://www.sp-arte.com>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- MUSEU DO IPIRANGA. Site oficial. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2025. Disponível em: <https://museudoipiranga.org.br>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- DEGAS, Edgar. A pequena bailarina de catorze anos. In: MASP. Acervo do Museu de Arte de São Paulo. São Paulo, 2025. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/a-pequena-bailarina-de-catorze-anos>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design. Curso de Design. Viagem técnica a São Paulo: Relatório de atividades da disciplina Projeto IV. Uberlândia: UFU, 2025.

LIBERDADE:

A PRISÃO DE UMA CULTURA

Por: João Lucas de Souza e Thimóteo Prates

Multidões, placas coloridas, postes e portais decorados. Conhecido por abrigar a maior comunidade japonesa fora do Japão, o bairro Liberdade, em São Paulo, atrai visitantes por ser um pedaço do oriente no Brasil. Com forte presença japonesa, chinesa e coreana, o local é repleto de lojas, restaurantes asiáticos e eventos culturais, como o Ano Novo Chinês.

Entretanto, quem anda hoje pelo bairro dificilmente cogitaria que no passado ele abrigava uma realidade muito menos atrativa: um local de aprisionamento, tortura e morte de negros e indígenas. E é essa história e seu impacto na população local que foram sistematicamente acobertados que buscamos destacar e refletir a seguir.



ATUALIDADE: A FORÇA DA CULTURA ASIÁTICA

O bairro Liberdade é uma grande vitrine da cultura do Leste Asiático, especialmente da japonesa, influenciada pela imigração do início do século XX. Ele oferece uma imersão cultural com restaurantes variados, barracas, lojas e atrações típicas. Elementos como lanternas Suzuranto, o portal Torii, fachadas com escrita em japonês e mandarim e calçadas decoradas reforçam essa identidade. À noite, a iluminação das placas e fachadas consegue atrair o olhar e causar uma quase ilusão hipnotizante.

Esse ambiente promove grande fluxo de turistas interessados em vivenciar uma cultura distinta da brasileira. O bairro se tornou ainda mais popular com o aumento da influência cultural japonesa e coreana, impulsionada por mangás, animes e música. Assim, recebe diversos visitantes curiosos e fãs desses conteúdos.

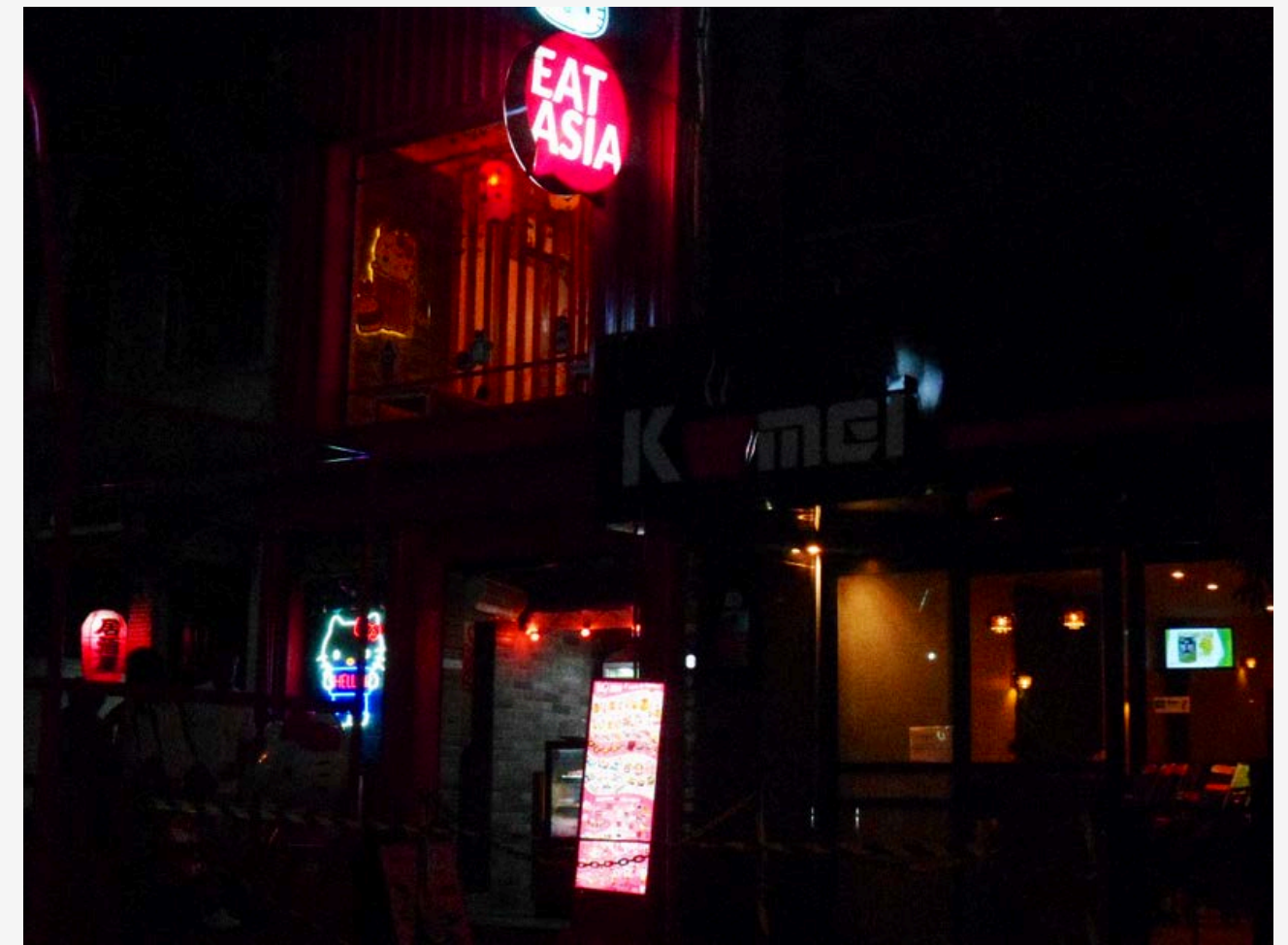
Com o aumento de visitantes não-descendentes asiáticos, grandes empresas passaram a ocupar Liberdade, atraindo turistas com campanhas de marketing e parcerias, como a We Coffee temática da Sanrio. Isso gerou contraste entre marcas comerciais, focadas em atrações "instagramáveis" e os comércios tradicionais de famílias descendentes de imigrantes. Assim, o bairro vem assumindo um papel mais turístico do que comunitário.

PASSADO: HISTÓRIA DA POPULAÇÃO NEGRA

Com tanto da cultura oriental, é normal se pensar que o bairro surgiu com imigrações desses povos para a região. Entretanto, em meio à identidade asiática, logo na saída da estação Japão-Liberdade existe uma estátua de uma mulher negra que contrasta com toda a estética local e revela a verdadeira origem do bairro. Cheia de acessórios e usando uma grande saia, a estátua que traz tanto movimento retrata Deolinda Madre, mais conhecida como Madrinha Eunice. Foi a fundadora da escola de samba Lavapés em São Paulo e ficou conhecida por esse nome por batizar várias crianças.

A região do Liberdade era associada à repressão, sendo palco de execuções públicas, principalmente de pessoas negras escravizadas e indígenas, acusados de crimes ou simplesmente punidos por resistirem à escravidão. E desse contexto surge uma possível origem do nome do bairro, que é da história de Francisco José das Chagas, o Chaguinhas, enforcado por liderar uma revolta por igualdade salarial. Ao ser enforcado, sua corda rompeu três vezes, levando o povo a clamar por sua liberdade — um pedido ignorado pelas autoridades.

Apesar da brutalidade do passado, o bairro também foi palco de resistência e organização de comunidades negras que passaram a habitar a região, criando redes de apoio e solidariedade. No entanto, com a abolição da escravidão em 1888 e o processo de urbanização da cidade, essa população foi sendo aos poucos deslocada para as periferias, dando espaço para a ocupação do bairro pelos imigrantes japoneses que chegariam no início do século seguinte.



REFLEXÕES: EQUILÍBRIO ENTRE PASSADO E PRESENTE

É inegável o sucesso do trabalho urbanístico de valorização da estética oriental, que, por meio da sinalização bilíngue, das decorações, das feiras e da arquitetura do local, criam uma atmosfera única, fazendo o visitante sentir-se do outro lado do mundo.

Entretanto, essa construção estética e simbólica também levanta reflexões importantes sobre o que foi deixado de lado no processo. A história negra do Liberdade — marcada por dor, resistência e apagamento — foi sendo sistematicamente encoberta pelo crescimento da cultura oriental no local. Por meio de um processo intencional de apagamento da história negra no Brasil, o Liberdade passou a estampar somente símbolos asiáticos, deixando de lado a memória de quem primeiro habitou o local.

Essa valorização da cultura asiática não é algo negativo em si, pelo contrário: representa uma parte importantíssima da história de São Paulo e promove experiências muito interessantes aos visitantes. Porém, é preciso reconhecer que essa valorização ocorreu, também, como modo de apagamento da memória afro-brasileira da região. Com o domínio da estética do leste asiático na região, são praticamente inexistentes os marcos visuais e espaços de valorização da história negra, levando à invisibilização de um passado que precisa ser lembrado, discutido e respeitado.

O verdadeiro potencial do Liberdade está em promover um espaço multicultural, enaltecendo a cultura oriental sem esquecer do passado afro-brasileiro na região. Iniciativas como a União dos Amigos da Capela dos Aflitos (UNAMCA), que busca preservar a memória da resistência negra no bairro, são um caminho para reconciliar o passado e presente e promover uma imagem mais completa para quem visitar a Liberdade.



LIBERDADE COMPLETA: ESPAÇOS PARA VISITAR

PRAÇA DA LIBERDADE

Carregando um grande significado, o bairro Liberdade deu nome à estação que surgiria no futuro e a praça central do lugar. Em 2018, os quais tiveram seus nomes alterados para Japão-Liberdade em homenagem aos 110 anos de imigração japonesa. Apesar da homenagem, a mudança, que pode ser vista como inocente, poderia ser também vista como forma de apagar mais do passado da região, já que o nome era uma das poucas coisas mantidas do passado do lugar. Felizmente, em 2023, como uma possível forma de trazer parte dessa história novamente, a praça central do bairro foi renomeada como Praça Liberdade-África-Japão.

FEIRA DA LIBERDADE

Aparecendo aos sábados e domingos, a Feira da Liberdade é um evento que leva cultura e arte oriental para as ruas. Vendedores de artesanatos, alimentos e atrações artísticas se apresentam na Praça da Liberdade. É uma ótima forma de conhecer e vivenciar um pouco do local.

CAPELA NOSSA SENHORA DOS AFLITOS

A Igreja Nossa Senhora dos Aflitos, construída no final do século XVIII, era uma das poucas instituições religiosas que permitia o sepultamento de negros. A igreja ainda existe hoje e é um dos poucos marcos preservados da história afro-brasileira na Liberdade.

REFERÊNCIAS

que a Liberdade significa para a memória dos negros em São Paulo? - Por Giovanna Costanti - <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-que-a-liberdade-significa-para-a-memoria-dos-negros-em-sao-paulo/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

Escapou da força 3 vezes e deu nome à Liberdade: a história de Chaguinhas - Por Heloísa Barrense - <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/05/23/chaguinhas-bairro-liberdade-sp.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 28 jun. 2025.

O passado escravista escondido em um dos pontos turísticos mais famosos de SP - Por Letícia Mori - <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cg1p5jyxelgo>. Acesso em: 28 jun. 2025.

Liberdade-África-Japão: mudança do nome de praça resgata memória negra de SP - Por 'Da Redação' - <https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/liberdade-africa-japao-mudanca-do-nome-de-praca-resgata-memoria-negra-de-sp/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

Famosa Praça Japão-Liberdade, em São Paulo, muda de nome - Por Nelson Lin - <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2023-06/famosa-praca-japao-liberdade-em-sao-paulo-muda-de-nome>. Acesso em: 28 jun. 2025.

Memória: de negros a orientais, a história do bairro da Liberdade - Por Gladys Magalhães - <https://www.gazetasp.com.br/cotidiano/memoria-de-negros-a-orientais-a-historia-do-bairro-da-liberdade/1101443/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<http://identidadesp.com.br/liberdade/>. Acesso em: 28 JUN. 2025.

São Paulo vai ganhar memorial para resgatar história dos negros que viveram em bairro tradicional da cidade - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/11/18/sao-paulo-vai-ganhar-memorial-para-resgatar-historia-dos-negros-que-viveram-em-bairro-tradicional-da-cidade.ghtml>. Acesso em: 29 JUN. 2025.

Estátua da sambista negra Madrinha Eunice é inaugurada na Liberdade - Por SP1 - <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/04/02/estatua-da-sambista-negra-madrinha-eunice-e-inaugurada-na-liberdade.ghtml>. Acesso em: 29 JUN. 2025.

Bairro da Liberdade ganha estátua da sambista Madrinha Eunice - Por Agência Brasil - <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/bairro-da-liberdade-ganha-estatua-da-sambista-madrinha-eunice/>. Acesso em: 29 JUN. 2025.

Liberdade (bairro de São Paulo) - [https://pt.wikipedia.org/wiki/Liberdade_\(bairro_de_São_Paulo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Liberdade_(bairro_de_S%C3%A3o_Paulo)). Acesso em: 30 JUN. 2025.

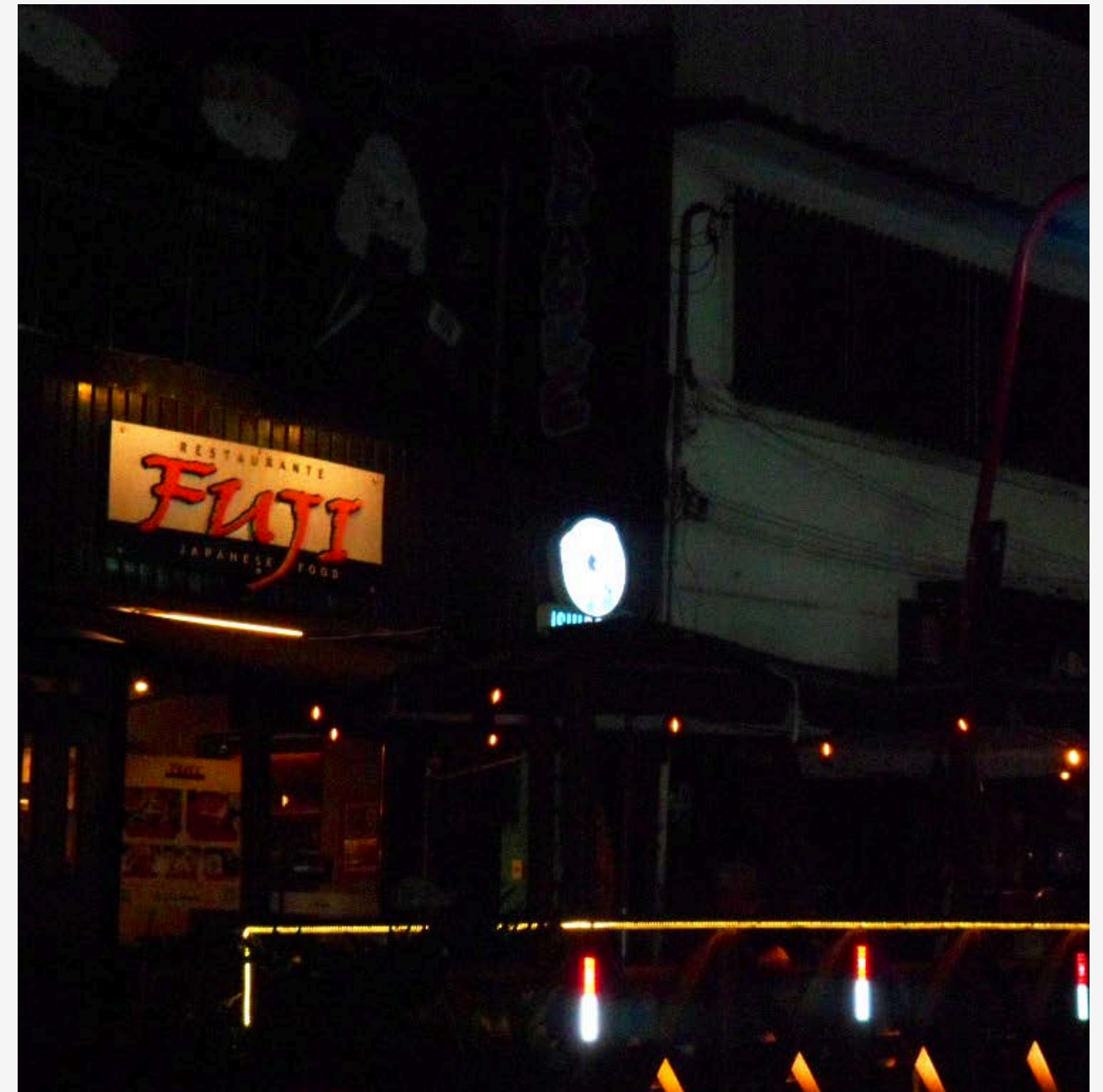
Liberdade: a história por trás do bairro turístico de São Paulo - Por Giovanna Oliveira - <https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Cidade/noticia/2020/10/liberdade-historia-por-tras-do-bairro-turistico-de-sao-paulo.html>. 01 JUL. 2025.

Bairro da Liberdade: veja 5 símbolos do local em São Paulo - Por Caroline Figueiredo - <https://diariodoturismo.com.br/bairro-da-liberdade-veja-5-simbolos-do-local-em-sao-paulo/>. Acesso em: 01 JUL. 2025.

Luminárias da Liberdade são retiradas a pedido de movimento negro; entenda - Por Julia Farias e Mariana Grasso - <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/luminarias-da-liberdade-sao-retiradas-a-pedido-de-movimento-negro-entenda/01>. ACESSO EM: 02 JUL.2025.

Feira da Liberdade - https://pt.wikipedia.org/wiki/Feira_da_Liberdade - Acesso em: 03 jul. 2025.

Feira da Liberdade: tradição e cultura oriental em SP - <https://blog.lelloimoveis.com.br/feira-da-liberdade/> - Acesso em: 03 jul. 2025.



ESTÉTICA PARTIDA

A ESTÉTICA FRAGMENTADA DE SP

Por: Breno Sales

A CAPITAL DOS CONTRASTES

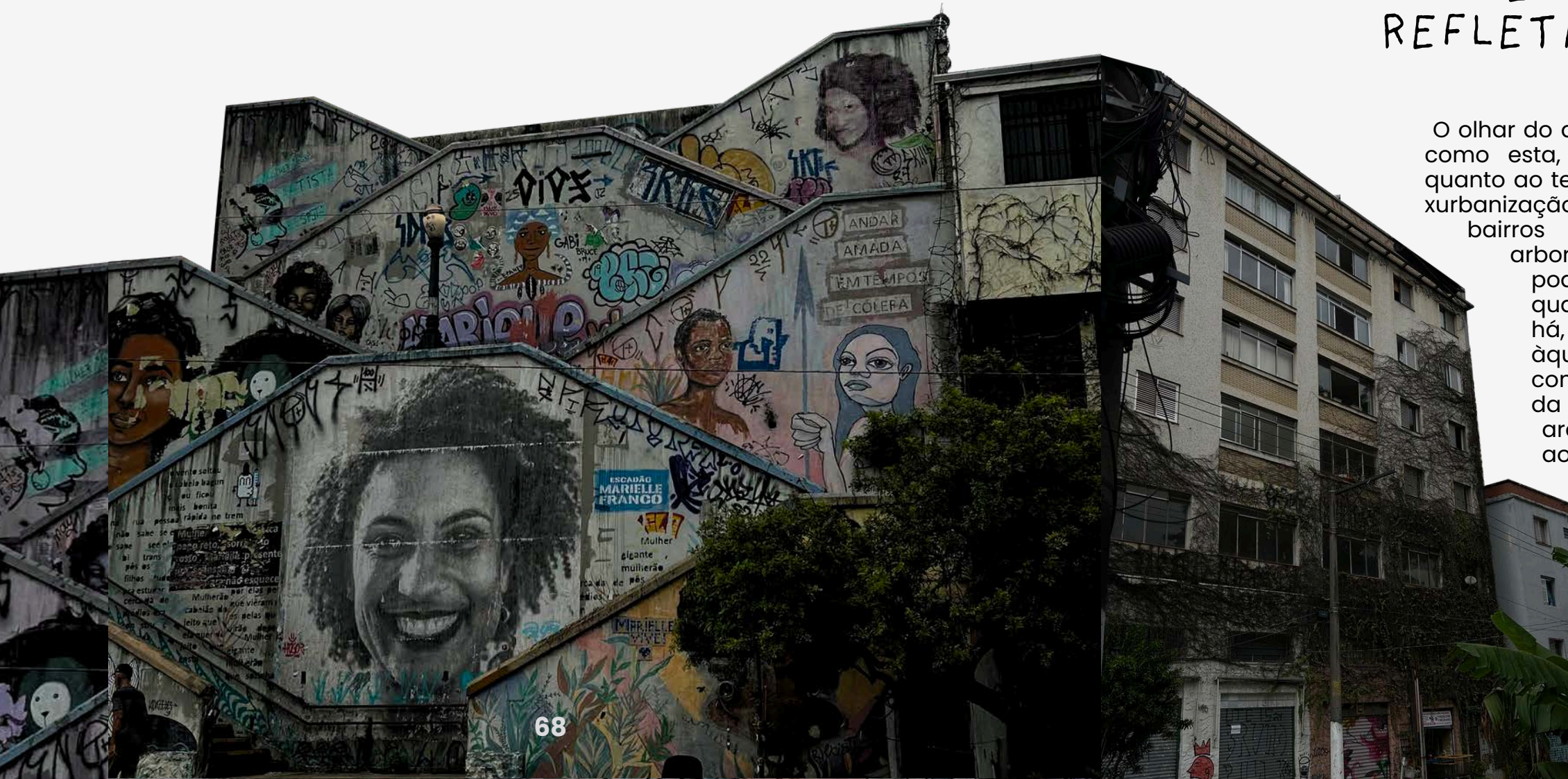
No cenário paulistano, vê-se o grande contraste da arquitetura e como a desigualdade social se reflete nela. Com isso, a fragmentação da beleza dessa capital é perceptível nos grandes centros, que destoam dos outros bairros e zonas; até mesmo no próprio centro há seus pontos distintos. Um grande exemplo dessa discrepância de beleza é a arborização desses locais, visto que, enquanto as periferias e bairros mais pobres não a possuem, em bairros mais ricos, como os Jardins, ela é usada como um artigo de luxo em comparação com o restante da cidade. Sendo assim, nesse artigo é abordada essa repartição da estética considerada bonita por muitos na terra da garoa.

O COTIDIANO CEGA A ESTÉTICA

Quando se pensa nessa cidade, pensa-se em caos e rotina corrida, e em como as pessoas não percebem o que está ao seu redor. Assim, isso é visto na exposição “A Vida que se Revela”, de Rinko Kawauchi e Tokuko Ushioda, que traz a beleza por trás das coisas que passam pelos olhos de forma imperceptível: entre as fotos que elas trazem, está a de uma geladeira — e como cada uma carrega uma história diferente da família que a tem —, trazendo essa relação com a capital paulistana: diferentes estilos de arquitetura e ambientes que contam diferentes histórias. São observados os distintos significados e belezas nesta simples visita a São Paulo, como, por exemplo, a diferença de histórias trazidas pelo Museu do Ipiranga, com sua arquitetura neoclássica e beleza que narra a história de forma óbvia, e um simples grafite em uma escadaria no bairro de Pinheiros, homenageando Marielle Franco e contando a história de maneira sutil, em algo cotidiano por onde se passa diariamente.

DESIGUALDADE REFLETIDA NA BELEZA

O olhar do designer, em visitas a grandes capitais como esta, fica mais aguçado e mais crítico quanto ao teor social: é notável o investimento em urbanização nos pontos turísticos da cidade ou bairros mais ricos, tanto em relação à arborização — que passa a ser um fator de poder em relação à riqueza do lugar: quanto mais rico o bairro, mais árvores há, trazendo mais qualidade de vida àqueles que moram nesses locais, como comprovam os dados de uma pesquisa da ESALQ/USP — quanto à parte arquitetônica em si. Durante a viagem, ao se passar por áreas mais populares, a arborização se perde e segue de forma esporádica até a chegada a algum bairro mais nobre, como Pinheiros, em que as árvores se misturam com o concreto, como é visto na imagem ao lado:





ONDE TUDO É CONCRETO

Diante de tudo o que foi falado, torna-se indispensável abordar como o concreto é o material unificador (ou aquele que mascara as diferenças) de todas as zonas de São Paulo. Em qualquer lugar que se vá na cidade, o concreto se torna um elemento notável — é o conector da cidade inteira, presente desde a estrutura das estações de metrô, abaixo da terra, até o cavalete de obras no último andar do MASP, também feito de concreto. Por isso, o concreto, mesmo sendo um material tão recorrente e popular, ainda pode ditar e definir o que é considerado belo na grande São Paulo, e assim, fragmentar toda a sua beleza, se misturando com os diversos outros tipos de materiais, indo desde a área mais pobre à mais rica.

CONTRIBUIÇÃO SOCIAL: POR QUE FALAR DESSA FRAGMENTAÇÃO É FALAR DE DIREITOS?

Abordar essa repartição de estética na capital paulista desperta, em profissionais como designers e arquitetos, um olhar crítico — não apenas em relação ao aspecto visual e à forma como ele se distribui na cidade, mas também ao aspecto social. Isso porque o que é considerado belo costuma estar mais visível nas áreas turísticas, o que resulta em menor investimento nas regiões mais pobres. Mais uma vez, destaca-se a questão da arborização: enquanto algumas zonas têm maior acesso a áreas verdes, outras, como as periferias, não possuem esse privilégio.

Profissionais como designers e arquitetos ajudam nesse âmbito com uma visão mais socioambiental, discutindo essas questões e contribuindo para a promoção de políticas públicas que ampliem a diversidade estética e cultural.

REFERÊNCIAS

- EDUCAÇÃO E TERRITÓRIO. A história da escadaria Marielle Franco em São Paulo. 28 jun. 2022. Disponível em: <https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/historia-da-escadaria-marielle-franco-em-sao-paulo/>. Acesso em: 15 maio 2025.
- JAPAN HOUSE SÃO PAULO. Eventos. Disponível em: <https://japanhousesp.com.br/eventos/>. Acesso em: 15 maio 2025.
- MASP – MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO. Lina Bo Bardi: Habitat. Disponível em: <https://masp.org.br/exposicoes/lina-bo-bardi-habitat>. Acesso em: 15 maio 2025.
- INSTITUTO ESCOLHAS. Arborização nos bairros de maior renda expõe injustiças ambientais em São Paulo. Ecodebate, 3 abr. 2023. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2023/04/03/arborizacao-nos-bairros-de-maior-renda-expoe-injusticas-ambientais-em-sao-paulo/>. Acesso em: 15 maio 2025.
- MORANI, Samantha; ANDRADE, Diego Sanches de; DUARTE, Filiberto Plácido Cueva. Urban forest and per capita income in the mega-city of São Paulo, Brazil: A spatial pattern analysis. Environmental Science & Policy, v. 132, p. 106–115, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.envsci.2022.03.002>. Acesso em: 15 maio 2025.

CIDADE EM MOVIMENTO:

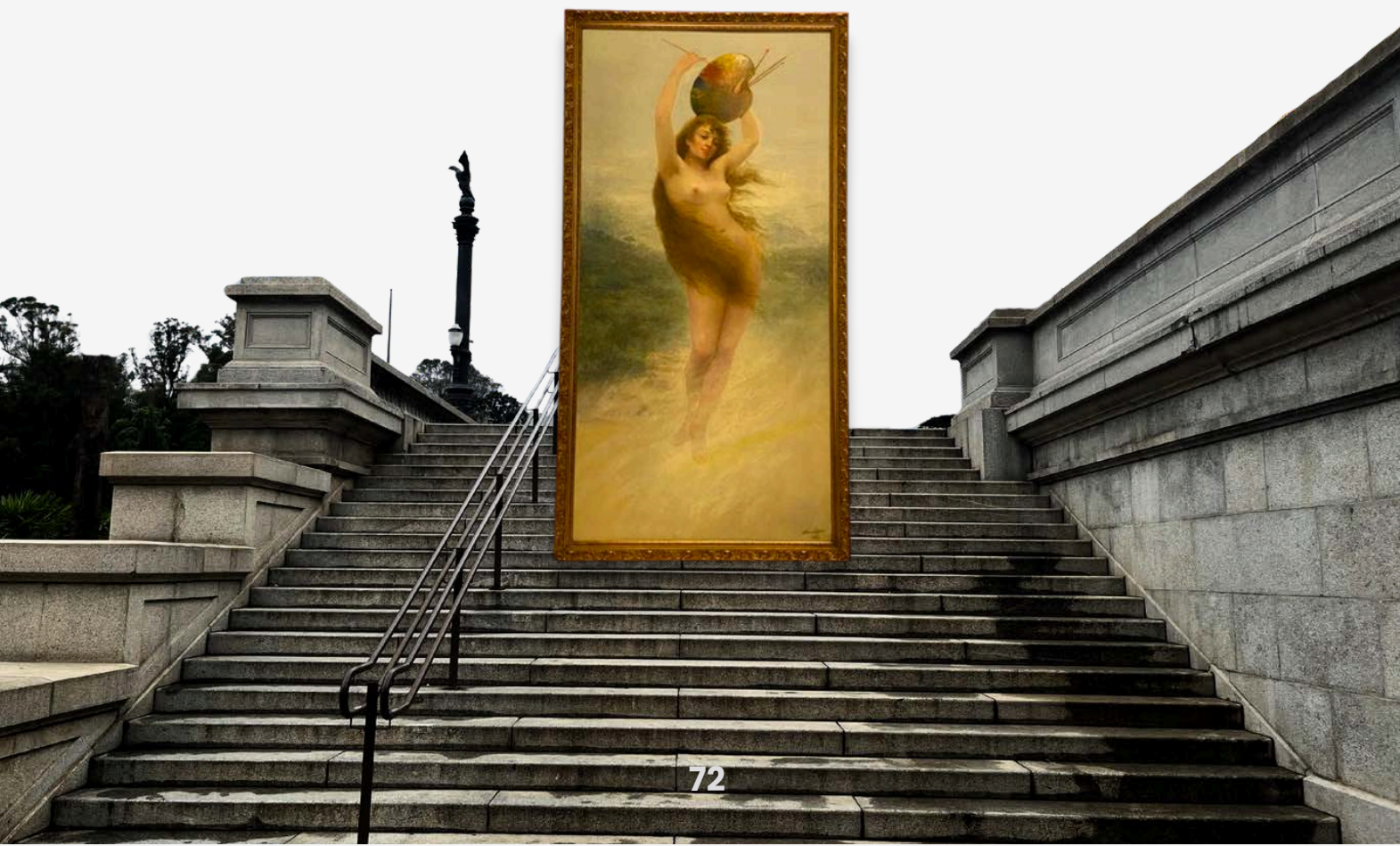
MOBILIDADE EM SÃO PAULO

Por: Yasmin Maia e Caio Tavares

SÃO PAULO.

As décadas recentes deram à cidade de São Paulo um caráter de crescimento demográfico exponencial, veloz e pouco controlado. A metrópole, que conta com quase 12 milhões de habitantes, iniciou seu processo de verticalização devido à alta demanda e ao espaço de área horizontal insuficiente.

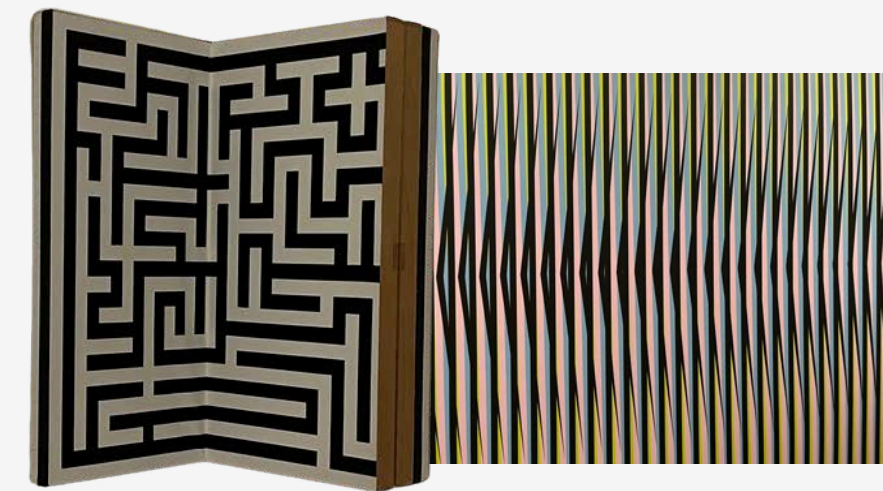
Ao visitar pontos da capital, tivemos de nos ajustar, em um curto período, a uma cidade com a qual não sabíamos interagir. Nesse processo, descobrimos como a movimentação se apresenta para além do simples transitar das pessoas, refletindo no urbanismo, organização social e em exposições museológicas.



OBRAS DE ARTE

Há movimento por toda parte. Como peça central da visita à Grande São Paulo, a observação das obras expostas em diversos espaços culturais da cidade nos fez refletir sobre a oposição da inércia em cada detalhe. Neste artigo, damos destaque a três obras que capturaram nossos olhares de forma singular, com as quais é possível traçar um paralelo entre a composição visual e a mobilidade percebida no cotidiano da cidade de São Paulo.

A artista explora a dissidência das formas básicas no universo das galerias. A geometria composta para ilustrar caminhos sem saída remete à visão labiríntica da megalópole, constituída de experiências e lugares temporários para a jornada do cotidiano, os quais apenas guiam visualmente o destino.



Uma interpretação diferenciada pode ser obtida a partir desse padrão localizado em um dos andares do edifício Pietro, anexo recente do MASP (Museu de Arte de São Paulo). A ambiguidade na leitura da indicação da "seta" da obra, especialmente por ser o primeiro contato com a galeria, sugere que podemos seguir em qualquer uma das duas direções. Apesar de serem formas geométricas rígidas, carregam alto grau de abstração.



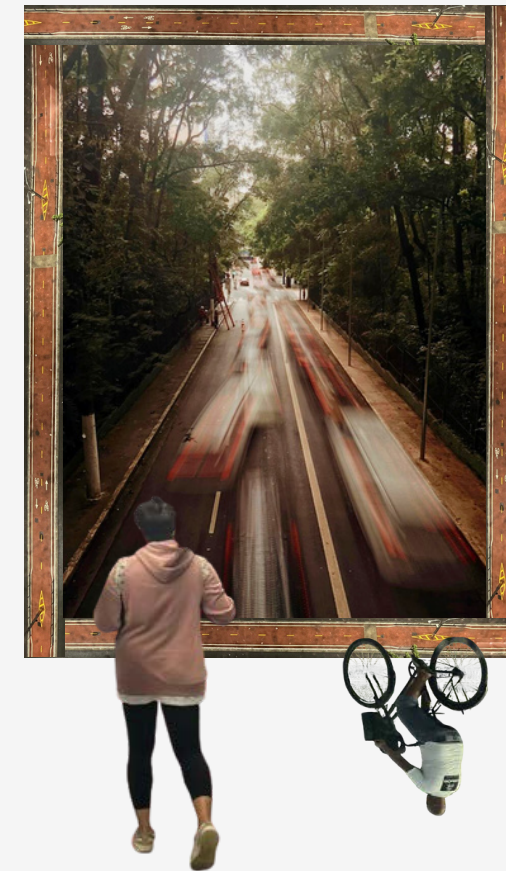
A fotografia instigante de Kawauchi busca dar atenção aos detalhes da vida que porventura nos passam despercebidos, tal qual o espaço urbano. Este torna-se impreciso, subjetivo e efêmero através das cotidianas janelas do transporte público.

O Vão do MASP, arquitetado por Lina Bo Bardi para preservar a vista do Belvedere Trianon, hoje, além de ser palco para eventos culturais da cidade, guia o visitante para o coração do MASP, onde estão dispostas as galerias de exposição de um dos mais importantes museus da América Latina.

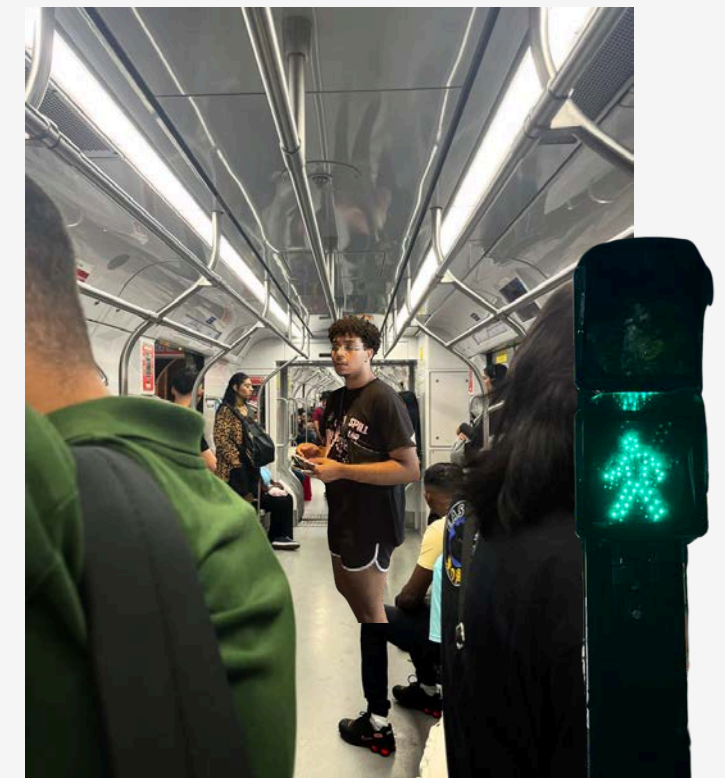


PRIMEIRO CONTATO

À primeira vista, os elementos cinéticos notáveis de São Paulo, ao menos para quem não está habituado a capital, são as imensas avenidas e a novidade dos metrô. É fascinante presenciar o que antes conhecíamos apenas por pequenas telas, limites que não parecem existir ao observar os arredores da cidade.



A selva de pedra é tão temível quanto convidativa. Tudo parece novo, turbulento ou complexo demais, e por vezes este é justamente o ponto interessante. As linhas coloridas e embaralhadas da primeira ida ao metrô sem o auxílio da experiência podem confundir, mas pouco tempo é necessário para intuir corretamente após uma análise da sinalização competente das estações. Tudo tem um ritmo para funcionar: regras implícitas e internalizadas em todas as pessoas. Um exemplo é a escada rolante do metrô, onde é necessário deixar à esquerda livre para a passagem de indivíduos cuja vida não desacelera.



PADRÃO

Quando nos enxergamos como pedestres de uma cidade dilatada e espacial, nos sentimos pequenos ao caminhar pelo espaço ao redor, mas isso torna possível analisar com mais calma e tempo a magnitude de cada construção e o padrão das coisas.

Não precisa de muito tempo para perceber o icônico mosaico de São Paulo, criado e idealizado por Mirthes Bernardes para um concurso público na década de 60, no qual foi vencedora, porém sem receber reconhecimento pessoal ou financeiro para tal.



“SE NO RIO TEM UMA COISA
TÃO LINDA, POR QUE AQUI
NÃO PODE TER?”



A história de Mirthes é mais um caso de injustiça com uma artista que não teve seu trabalho valorizado em sua época, apesar de passar mais de 50 anos na justiça para conquistar o que era seu por mérito.

Hoje em dia, o padrão que se tornou símbolo icônico da cidade em cartões postais, foge de sua estrutura fixa no chão e se eleva na vertical, conquistando arranha-céus da capital paulista.

CIDADE VERTICAL

Se fosse possível andar pelas paredes, com certeza faríamos, pois, na Grande São Paulo, a verticalização surge como uma resposta ao aumento da densidade populacional e uma solução de moradia e comércio em áreas urbanas. No entanto, esse processo requer interferências que possibilitem a locomoção de pessoas para diferentes patamares com maior praticidade e agilidade.

Dessa forma, é comum observar escadas, elevadores e rampas circundando todos os edifícios: museus, prédios, casas, cafés, shoppings e todas as construções monumentais que a cidade abriga. Ademais, com a Paulista marcada pela presença de inúmeros a arranha-céus, muitas conexões precisavam ser feitas para interligar essas estruturas colossais de forma a agilizar a jornada cotidiana, criando caminhos integrados e aéreos entre construções, funcionando como pontes e túneis entre dois ou mais edifícios.

É notório, também, que a cidade se expandiu para baixo, e é muito fácil encontrar acessos a lojas e metrô subterrâneos, exigindo um projeto muito custoso e reservado apenas para essa área valorizada de SP. Em áreas menos abastadas, o processo de erguer a cidade foi feito, muitas vezes, apressado e sem um projeto eficaz de urbanismo, resultando em caminhos de acesso vertical (escadas, rampas e — quando presentes — elevadores) precários e inacessíveis.

ACESSIBILIDADE

A partir do caráter cultural das visitas, foi possível observar que, em ambientes de exposição, a implementação da acessibilidade foi mais incisiva. O fluxo exacerbado de pessoas, bem como a diversidade de origens, incentiva a adaptação arquitetônica e tecnológica acessível aos ambientes com maior recurso financeiro.

Porém, a adaptação é heterogênea: quando há rampas de acessibilidade, elevadores ou pisos táteis, muitas vezes estes elementos encontram-se extremamente separados do fluxo principal. Eles tornam os ambientes acessíveis, sim, mas geralmente não inclusivos.

Um exemplo de inclusão em espaço vertical notável, para além da acessibilidade, é o Edifício Pietro. Inaugurado recentemente, o acesso às galerias é feito exclusivamente por meio de elevadores, de forma a não isolar a passagem de pessoas com deficiências físicas.



CONCLUSÃO

Ao final da visita, pudemos perceber que São Paulo é uma cidade acelerada, que cresce de forma abundante, porém, descontrolada, prezando sempre pela agilidade da rotina de quem transita por seus espaços.

Os diversos traumas do crescimento demográfico da cidade se desdobram para além do design, arquitetura e urbanismo; estão enraizados na sociedade paulistana há séculos. Nesse contexto, nosso papel como profissionais da área é tornar o fluxo urbano mais fácil e prático, além de projetar a verticalização sem hostilizar e elitizar o ambiente, tornando a mobilidade, para além de acessível, inclusiva e empática.

REFERÊNCIAS

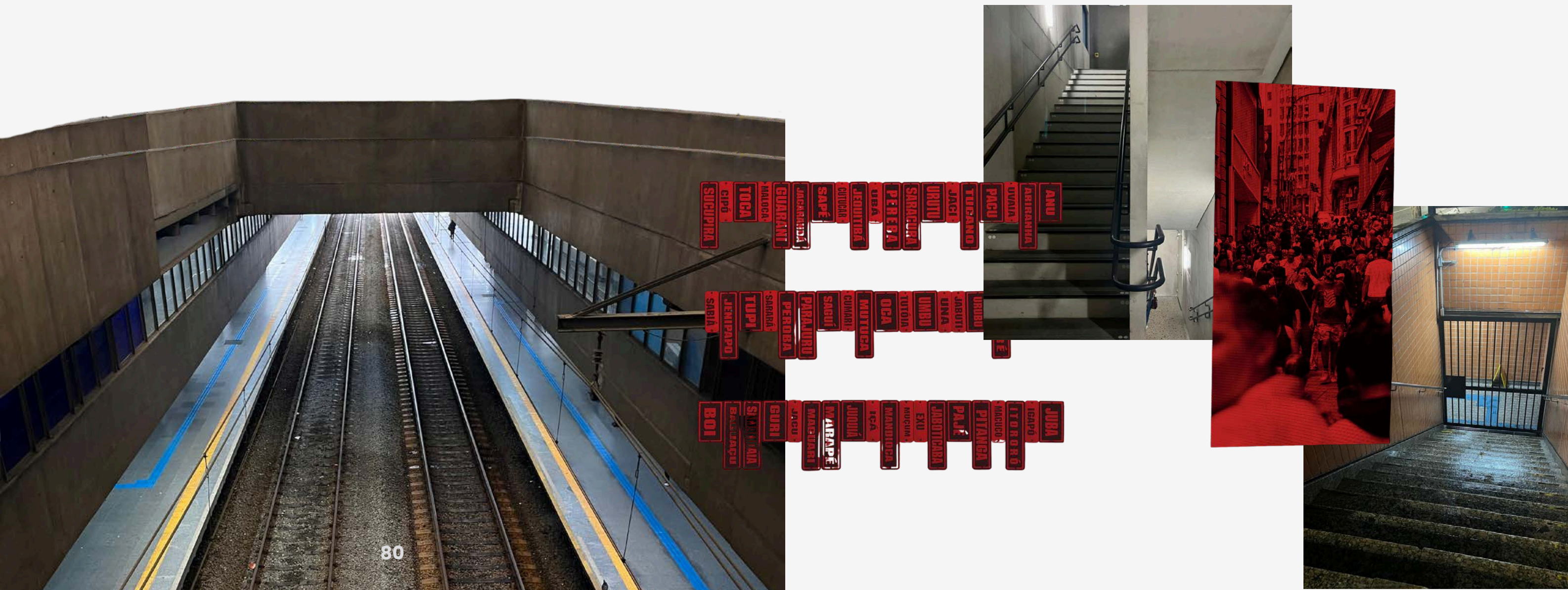
<https://www.agenticarioca.com.br/artists/52-ana-linnemann/works/7870-ana-linnemann-pintura-sem-saida-concava-com-labirinto-6-dead-end-painting-concave-2020/>

<https://www.1854.photography/2020/11/rinko-kawauchi-as-it-is/>

<https://revistamarieclaire.globo.com/retratos/noticia/2025/02/a-historia-de-mirthes-bernardes-a-mulher-que-criou-o-iconico-desenho-da-calcada-de-sp-e-nunca-foi-paga-por-isso.ghtml>

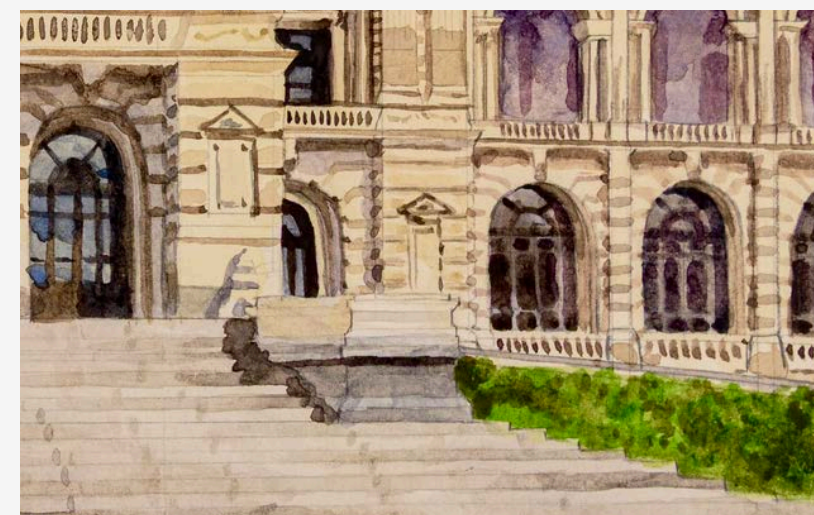
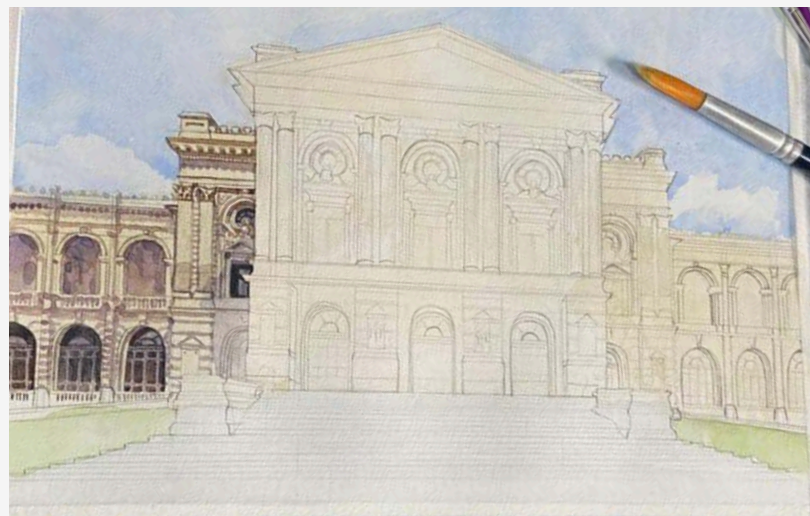
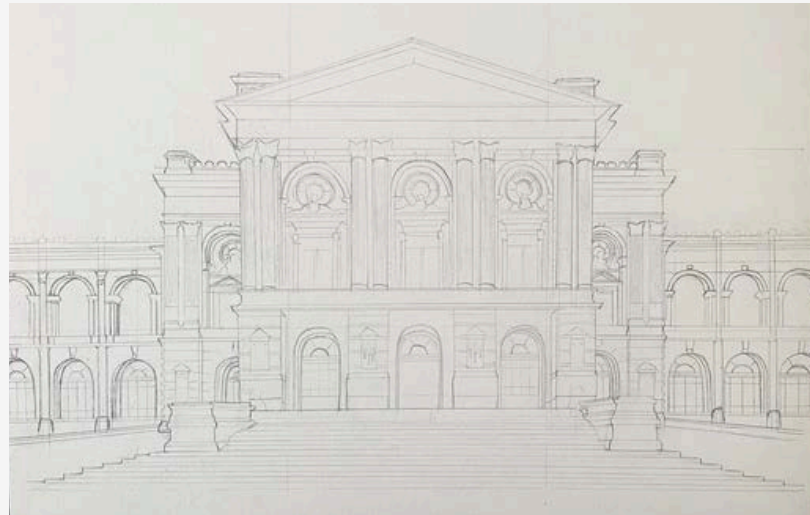
<https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/099R.pdf>

<https://audima.blog/blog/2021/06/15/inclusao-e-acessibilidade-voce-sabe-a-diferenca/#:~:text=Portanto%20a%20acessibilidade%20%C3%A9%20um,grande%20poder%20e%20papel%20transformador.>



PROCESSO DE CRIAÇÃO DA CAPA

Por Yasmin Maia



RESULTADO
FINAL

TRILHAS DO DESIGN



2025